



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO, NA FALA DE FORTALEZA,
EM CONTEXTO DE ORAÇÕES CONCESSIVAS**

KELMY VÂNIA CAMURÇA DA SILVA

FORTALEZA

2023

KELMY VÂNIA CAMURÇA DA SILVA

A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO, NA FALA DE FORTALEZA,
EM CONTEXTO DE ORAÇÕES CONCESSIVAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração:Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo de Carvalho

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S58a Silva, Kelmy Vânia Camurça da.

A alternância subjuntivo/indicativo, na fala de Fortaleza, em contexto de orações concessivas / Kelmy Vânia Camurça da Silva. – 2023.
99 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Hebe Macedo de Carvalho.

1. Sociolinguística variacionista . 2. Alternância subjuntivo/indicativo. 3. Fala de Fortaleza.
I. Título.

CDD 410

KELMY VÂNIA CAMURÇA DA SILVA

A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO, NA FALA DE FORTALEZA,
EM CONTEXTO DE ORAÇÕES CONCESSIVAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 14/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Hebe Macêdo de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Doutora Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará – UFC

Professora Doutora Juliene Pedrosa
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

*Ao meu pai Edvar e à minha mãe
Fátima por sempre me apoiarem.
À minha filha Kêmily, minha melhor
inspiração.
Ao meu esposo Henrique, pela ajuda
e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre me guia, me ilumina e me capacita, sou grata a Ele por tudo e sem Ele nada teria se cumprido. Obrigada, meu Pai, meu guia e protetor por me acompanhar em todo o percurso e me mostrar que sempre estás no controle de tudo!

A minha querida mãe, obrigada por acreditar em mim e por sempre fazer o possível pra me ajudar. Lembro-me bem das noites sem dormir, fazendo as atividades do Mestrado, e a senhora ao meu lado, cuidando da minha querida filha e me convencendo que tudo daria certo e, realmente, deu certo, minha querida mãe, a senhora tinha razão. Obrigada por tudo e por tanto.

Ao meu pai, que infelizmente não pode ser tão presente devido às sequelas de um terrível AVC, sei o quanto essa vitória também é sua e lembro-me bem das suas preciosas e humildes palavras, no meu ensino médio, ao me incentivar a estudar, pois no futuro isso seria um diferencial. Ainda bem que te escutei, meu pai, e te agradeço por toda luta e esforço e por sua grandiosa ajuda em me apoiar em tudo que desejava fazer. Essa vitória também é sua. Enfim, nunca esquecerei os grandiosos esforços que meus pais empreenderam para que hoje eu pudesse chegar ao nível de Mestre. Amo vocês, pais queridos!

A minha querida e estimada orientadora, Hebe Macedo de Carvalho, pelo incentivo e por toda a orientação e suporte concedidos a mim. Obrigada, Hebe, pela paciência e por seus ensinamentos. A você, toda a gratidão, respeito e admiração.

À Talita Dantas, amiga que o Mestrado me concedeu. Quantas confidências e desabafos em meio a essa trajetória nada fácil, quantas vezes pensamos em desistir, mas sempre procurávamos o apoio mútuo e transformávamos esses momentos difíceis em incentivos para continuarmos. Obrigada, amiga, por todas as palavras de vitória e de bênçãos que já proferiu sobre mim. Você é luz!!

À amiga Camila Alcântara que sempre me incentivou e me ajudou bastante desde o processo de seleção do Mestrado, em pandemia ainda, até a Dissertação. Muito obrigada, nossa amizade começou na graduação - UFC - e será para toda a vida.

A você, Kêmily, filha querida, por ser a minha válvula impulsionadora e meu combustível, obrigada por sempre me ensinar e por todo o seu amor. Amo-te!

Ao meu querido esposo Henrique, companheiro de vida, amigo, confiante, enfim, muitos adjetivos cabem a você; obrigada, meu bem, por todo o companheirismo e por todo incentivo. Você foi cuidado, moldado e lapidado por Deus e Ele me presenteou com

uma pessoa linda e admirável que é você, sem o seu apoio tudo teria sido mais difícil. Nos dias mais intensos e lotados de atividades, você, com sua mansidão, me olhou e disse: *Você vai conseguir, você já passou por fases mais difíceis.* Você não sabe o poder que essas palavras proferidas exerceram sobre mim. É tão bom ter alguém pra amar, pra contar nos momentos difíceis; é tao bom ter você. Obrigada por tudo, meu bem.

*“Não fui eu que ordenei a você?
Seja forte e corajoso!
Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus,
estará com você por onde você andar”*

*Josué 1:9
Bíblia Sagrada*

RESUMO

A investigação aqui proposta faz parte de uma pesquisa aplicada, descritiva e explicativa, para uma análise da língua falada dos informantes/falantes, de Fortaleza, com o fito de identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam ou contribuem para a ocorrência da alternância subjuntivo/indicativo, em situação de fala, em orações concessivas. Por ser uma análise que oferece uma descrição de um fenômeno variável, na comunidade de fala de Fortaleza, o nosso estudo está ancorado na Sociolinguística Variacionista, à luz de Labov (1972), e na proposta de Neves (2000) quanto às subcategorizações das concessivas sendo essas subcategorizações classificadas, também, de acordo com a modalidade. Além disso, consideramos algumas pesquisas recentes que tiveram como foco o uso variável dos modos indicativos e subjuntivo (Pimpão, 1999, 2012 e Carvalho 2007) e que nos auxiliaram a construir as bases dessa pesquisa em análise; assim como os fatores linguísticos: tempo e modos verbais da oração concessiva e a subcategorização dessas orações, assim como os verbos das orações encaixadas que favorecem a alternância subjuntivo/indicativo. Os fatores extralinguísticos evidentes na análise são apresentados nas variáveis sociais, como escolarização, faixa etária, sexo de cada informante e o informante que foi essencial e a base para os dados da pesquisa. A amostra selecionada para a análise é proveniente do banco de dados NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. Nesse sentido, analisaremos o *corpus* priorizando: 41 informantes do sexo feminino e 44 informantes do sexo masculino conforme os fatores linguísticos e extralinguísticos supracitados. Em linhas gerais, o subjuntivo se configurou como predominante ao codificar noções de incerteza, dúvida e hipótese. Os resultados também apontam que tanto a seleção do subjuntivo quanto do indicativo envolve a atuação de grupos importantes como: tempo e modo verbal, a subcategorização das concessivas e a modalidade. Os procedimentos metodológicos que caracterizam a nossa pesquisa são: coleta, codificação e análise quantitativo - qualitativa de dados através do programa estatístico R.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; alternância subjuntivo/indicativo; fala de Fortaleza.

ABSTRACT

The investigation proposed here is part of an applied, descriptive and explanatory research, to an analysis of the spoken language of the informants/speakers from Fortaleza, with the aim of identifying the linguistic and extralinguistic factors that determine or contribute to the occurrence of the alternation subjunctive/ indicative, in a speech situation, in concessive clauses. As it is an analysis that offers a description of a variable phenomenon, in the speech community of Fortaleza, our study is anchored in Variationist Sociolinguistics, in the light of Labov (1972), and in the proposal of Neves (2000) regarding the subcategorizations of concessives they are also classified according to the modality. Furthermore, we considered some recent research that focused on the variable use of indicative and subjunctive modes (Pimpão 1999, 2012 and Carvalho 2007) and that helped us build the foundations of this research in analysis; as well as linguistic factors: tense and verbal modes of concessive clauses and the subcategorization of these clauses, as well as the verbs of embedded clauses that favor the subjunctive/indicative alternation. The extralinguistic factors evident in the analysis are presented in social variables, such as education, age group and gender of each informant. The informant was also essential for the research data. The sample selected for analysis comes from NORPOFOR database – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. In this sense, we will analyze the corpus prioritizing: 41 female informants and 44 male informants according to the linguistic and extralinguistic factors mentioned above. In general terms, the subjunctive was configured as predominant when encoding notions of uncertainty, doubt and hypothesis. The results also indicate that both the selection of the subjunctive and the indicative involve the action of important groups such as: tense and verb mood, the subcategorization of concessives and modality. The methodological procedures that characterize our research are: collection, coding and quantitative - qualitative data analysis using the statistical program R.

Keywords: variationist sociolinguistics; subjunctive/indicative alternation; Fortaleza's speech.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Proporção Indicativo e Subjuntivo – NORPORFOR – DID	60
Gráfico 02 – Proporção Indicativo x Subjuntivo por SEXO – NORPOFOR – DID ...	61
Gráfico 03 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo – FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR – DID	63
Gráfico 04 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo – ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID	65
Gráfico 05 – Proporção Indicativo e Subjuntivo por subcategorização das concessivas – NORPOFOR – DID	69
Gráfico 06 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo por tipo de CONJUNÇÃO CONCESSIVA – NORPOFOR – DID	71
Gráfico 07 – Representação da proporção da variável tempo e modo verbal	74
Gráfico 08 – Tempo e modo da oração principal	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo masculino - NORPOFOR	46
Quadro 2	–	Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo feminino – NORPOFOR	49
Quadro 3	–	Distribuição dos informantes do NORPOFOR	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Distribuição dos informantes por variáveis sociais	44
Tabela 2	– Distribuição dos informantes por variáveis sociais e os seus respectivos inquéritos – NORPOFOR	45
Tabela 3	– Proporção Indicativo e Subjuntivo – NORPOFOR – DID	60
Tabela 4	– Porporção Indicativo x Subjuntivo – SEXO – NORPOFOR – DID ...	62
Tabela 5	– Proporção de Indicativo e Subjuntivo – FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR – DID	63
Tabela 6	– Proporção de Indicativo e Subjuntivo – ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID	65
Tabela 7	– Proporção Indicativo e Subjuntivo por subcategorização das concessivas – NORPOFOR – DID	69
Tabela 8	– Proporção de Indicativo e Subjuntivo por tipo de CONJUNÇÃO CONCESSIVA – NORPOFOR – DID	71
Tabela 9	– Proporção da variável tempo e modo na oração encaixada – NORPOFOR – DID	74
Tabela 10	– Frequência por inquérito	86
Tabela 11	– Proporção por inquérito (%)	88
Tabela 12	– Frequência por idade – NORPOFOR DID	90
Tabela 13	– Proporção por idade (%)	91
Tabela 14	Tempo Modo da Oração Principal vs. Conjunções	92
Tabela 15	– Frequência por inquérito	94
Tabela 16	– Proporção por inquérito (%)	96
Tabela 17	– Frequência por idade	98
Tabela 18	– Proporção por idade (%)	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FENÔMENO EM ESTUDO	22
2.1	As orações subordinadas adverbiais concessivas e o modo verbal	22
2.1.1	<i>A subcategorização das concessivas</i>	26
2.2	A alternância subjuntivo/indicativo sob o viés da Toeira Variacionista	29
3	REFERENCIAL TEÓRICO	31
3.1	A Teoria da Variação e Mudança Linguística e os estudo da linguagem	31
3.2	Os fatores sociais na variação linguística	35
4	A MODALIDADE	38
4.1	A relação entre: modalidade lógica x modalidade linguística; modalidade lógica e modalidade linguística x modo verbal	41
5	METODOLOGIA	43
5.1	Métodos de pesquisa: de abordagem e de procedimento	43
5.2	Delimitação do universo da amostra	43
5.3	Procedimento para a coleta de dados	44
5.4	Envelope da Variação	52
5.4.1	<i>Delimitação da variável dependente</i>	52
5.4.2	<i>Delimitação das variáveis independentes</i>	53
5.5	Análise Quantitativa: <i>R Studio</i>	55
5.6	A base da pesquisa descritiva sociolinguística em análise	56
5.7	Do contato com os informantes	57
5.8	Procedimento para análise de dados	58
6	ANÁLISE DOS DADOS DAS ORAÇÕES CONCESSIVAS	59
6.1	Variáveis sociais	61
6.2	Variáveis linguísticas	68
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	80
	ANEXO A – TABELA 10 – FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO	86
	ANEXO B – TABELA 11 – PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)	88

ANEXO C – TABELA 12 – FREQUÊNCIA POR IDADE – NORPOFOR DID	90
ANEXO D – TABELA 13 – PROPORÇÃO POR IDADE (%)	91
ANEXO E – TABELAS 16, 17, 18, 19 E 20 E GRÁFICO 9 – TEMPO MODO DA ORAÇÃO PRINCIPAL vs. CONJUNÇÕES	92
ANEXO F – QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DO NORPOFOR (EM ANEXO)	100

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de entender e compreender a linguagem em estruturas como: “Embora *pareça* fácil, é tema de difícil compreensão” e “Embora *parece* fácil, é tema de difícil compreensão”¹, é convite para que nos debruçemos sobre o estudo da alternância dos modos indicativo/subjuntivo, em orações concessivas.

A descrição do português brasileiro (doravante PB), através do mapeamento das variações linguísticas, permite a realização de estudos contrastivos, entre essas variedades, e nos leva à observação e à constatação de que a Sociolinguística e seus estudos baseados em *corpora* são de grande relevância para os estudos descritivos do PB de forma a nos permitir a compreensão das tendências linguísticas, em uma comunidade de fala, assim como afirma Labov (2008). Os falantes têm um leque de possibilidades de fala e em virtude dessas possibilidades temos as variantes e as variáveis, através das formas linguísticas alternativas elegidas pelo falante. Dessa forma, o pesquisador não pode se eximir de discutir a validade da aplicação da regra variável a fenômenos que extrapolam o âmbito da sintaxe, da fonologia e da morfologia.

Os estudos sobre a investigação do uso variável entre os modos subjuntivo e indicativo, sob a perspectiva da variabilidade linguística, são vários, dentre os quais citamos Pimpão (1999; 2012), Santos (2005), Carvalho (2007), Salgado (2007), Luchesi e Meira (2013), Novo (2015), Felicíssimo (2015), Baiocato (2017), Cunha e Alencar (2018) e Lima (2018). Esses trabalhos analisam e investigam a variação subjuntivo/indicativo, mas não somente em contextos de orações concessivas.

Portanto, o objetivo central desta pesquisa é investigar a alternância dos modos subjuntivo e indicativo, na língua falada em Fortaleza, tendo como foco identificar e analisar as principais ocorrências orais em contextos de construções subordinadas adverbiais concessivas, nos modos supracitados, observando quais fatores linguísticos e extralinguísticos levam os falantes fortalezenses a alternarem ou não, em situações de fala cotidiana, as formas subjuntivo/indicativo.

Nesse sentido, procuraremos:

- a) Investigar a alternância entre as formas verbais “subjuntivo” e “indicativo”, em

¹ Exemplo criado pela autora.

orações subordinadas adverbiais concessivas, no falar popular de Fortaleza, e efeito que os fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária e escolaridade) exercem nessa alternância.

- b) Investigar a alternância entre as formas verbais “subjuntivo” e “indicativo”, em orações subordinadas adverbiais concessivas, no falar popular de Fortaleza, e quais efeitos que os fatores linguísticos (conjunções concessivas e tempo e modo verbal) exercem sobre essa alternância.
- c) Analisar as conjunções subordinativas concessivas, retiradas do *corpus* – NORPOFOR - assim como a análise das subcategorizações desse tipo de oração observando se favorecem ou desfavorecem o emprego de formas do indicativo no lugar do subjuntivo.
- d) Investigar se os valores e expressão de *incerteza* para o Subjuntivo e valores e expressão de *certeza* para o Indicativo, atribuídos pela Gramática Normativa, são adotados pelos falantes de Fortaleza.

Tomando a Sociolinguística variacionista como base para o estudo da alternância subjuntivo/indicativo, na fala de Fortaleza, em contexto de orações concessivas, indagamos: que fatores linguísticos levam os falantes fortalezenses a alternarem as formas verbais indicativo/subjuntivo e subjuntivo/indicativo, ao utilizarem orações subordinadas adverbiais concessivas, em situações de fala cotidiana? A partir desse problema é que propomos as seguintes questões de pesquisa que nortearão a pesquisa em andamento:

- a) Qual a atuação dos fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária e escolaridade) na alternância entre as formas verbais “subjuntivo” e “indicativo”, em orações subordinadas adverbiais concessivas, no falar popular de Fortaleza?
- b) Qual a atuação dos fatores linguísticos (conjunções concessivas e tempo e modo verbal), na alternância entre as formas verbais “subjuntivo” e “indicativo”, em orações subordinadas adverbiais concessivas, no falar popular de Fortaleza?
- c) As subcategorizações das orações concessivas (factuais, contrafactuais e eventuais) favorecem ou desfavorecem o emprego das formas do indicativo no lugar do subjuntivo?
- d) Os valores e expressão de *incerteza* para o Subjuntivo e valores e expressão de *certeza* para o Indicativo, atribuídos pela Gramática Normativa, são adotados

pelos falantes de Fortaleza?

Como possíveis respostas às questões supracitadas propomos as seguintes hipóteses:

- a) Os fatores extralinguísticos, visíveis nas variáveis sociais, “sexo”, “faixa etária” e “escolaridade” exercem influência sobre a alternância entre as formas verbais ‘subjuntivo’ e ‘indicativo’ em orações subordinadas adverbiais concessivas.
- b) Os fatores linguísticos “conjunções concessivas” e “tempo e modo verbais”, influenciam na alternância das formas verbais de ‘subjuntivo’ e/ou ‘indicativo’ em orações subordinadas adverbiais concessivas.
- c) As conjunções concessivas tendenciam o uso do indicativo ou subjuntivo a depender da subcategorização (factuais, contrafactuais e eventuais) das orações concessivas.
- d) Acreditamos que quanto maior o nível de escolaridade do falante maior será o detalhamento da forma subjuntiva, que requer um contexto sintático mais específico, portanto, prevê-se o domínio do contexto de incerteza para subjuntivo e certeza para indicativo em estruturas de fala cotidiana. Acreditamos, também, que falantes mais jovens favorecem o uso do indicativo por ser a forma mais abrangente da língua e que não exige tantos detalhes linguísticos nem aprofundamentos de estudo da língua. Salientamos que a Variação Linguística é predominante, no contexto de fala, com relação às ocorrências de alternância indicativo/subjuntivo, em situações de concessão, e que, em uma perspectiva comunicativa, essas ocorrências são construídas na interação entre os interlocutores e até mesmo por convenções, culturalmente, compartilhadas.

Diversos autores já aprimoraram ideias semelhantes às que serão desenvolvidas nessa referida pesquisa, são eles Pimpão (1999; 2012), Santos (2005), Carvalho (2007), Salgado (2007), Lucchesi e Meira (2019) e Santos (2014), Amorim (2015), Almeida (2010), Lucchesi e Meira (2019), Baiocato (2017), Novo(2015), Felicíssimo (2015), Lima (2018). Pimpão (1999; 2012), inicialmente, investigou o uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo sob a perspectiva da variabilidade linguística e,

posteriormente, aprofundou essa pesquisa analisando esse contexto, mas nas falas de sujeitos nascidos em Florianópolis e Lages. Já Santos (2005) estudou a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo, mas partindo do pressuposto de fala extraído de sujeitos nascidos no noroeste paulista. O estudo da variação de modo em estruturas complexas reveste-se de um interesse especial, em virtude do modo verbal se manifestar morfologicamente, mas o seu uso está fortemente determinado pelas relações que se manifestam no interior de um complexo oracional. Sendo assim, o estudo da variação de modo, supracitado, tomou como tarefa investigar a manifestação do modo subjuntivo em estruturas complexas utilizando como principal fonte a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1972).

Carvalho (2007) teve como objetivo central da pesquisa captar a variação dos modos indicativo e subjuntivo na língua falada do Cariri com o fito de descrever e analisar os ambientes favoráveis e de restrição ao uso do subjuntivo. Na pesquisa, a autora apresentou contextos linguísticos favoráveis à alternância indicativo/subjuntivo e contextos considerados obrigatórios do modo indicativo e do modo subjuntivo com o intuito de compreender a alternância e a distribuição do subjuntivo, nas orações substantivas, objetivando demonstrar que, em ambientes de alternância, a força modal se encontra na carga semântica do verbo matriz. Recentemente, Santos (2014) pesquisou sobre a mesma variação subjuntivo/indicativo, mas com falantes de São Luís e São Paulo.

Salgado (2007) expõe um estudo descritivo sobre as orações concessivas, consideradas como complexos subordinativos, em jornais brasileiros, no século XIX. Sob uma perspectiva funcionalista, a autora buscou descrever, analisar e explicar o comportamento das construções concessivas, levando em consideração: o tipo de conector concessivo, o valor das construções contrastivas, a correlação modo-temporal, a posição das orações no complexo concessivo, a possibilidade de inversão na ordem das orações, os domínios de leitura, o jogo da polaridade e os tipos de predicação. Dessa forma, o estudo supracitado apresenta uma ampla preparação para o estudo das concessivas.

Amorim (2015) investiga a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo, em orações completivas introduzidas pelo *complementizador que*, no Português falado em Vitória da Conquista (BA), cuja pesquisa está baseada nos pressupostos do sociofuncionalismo, tomando como referência, sobretudo, os teóricos Givón (2001), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008). Com relação à análise desse fenômeno linguístico, em situações de uso, os dados empíricos utilizados pertencem ao *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e foram submetidos ao sistema analítico

GoldVarb. No estudo quantitativo, do ponto de vista dos fatores linguísticos, o uso do subjuntivo foi favorecido através do valor semântico do verbo da oração matriz associado à modalidade deôntica (*irrealis*) e pela presença das orações afirmativas (estrutura da assertividade da oração). Em relação aos fatores extralinguísticos, os dados revelam que a variante mais prestigiada se concentra na fala do gênero/sexo feminino. Também, nessa pesquisa evidencia-se que o nível de escolaridade exerce influência no uso do subjuntivo. Concernente ao resultado da variável faixa etária, a forma de prestígio se concentrou na faixa intermediária (adultos) e a forma estigmatizada foi mais usada pelos jovens e idosos. O resultado da pesquisa, do ponto de vista sociolinguístico, sinaliza uma variação estável e, do ponto de vista funcionalista, encontra respaldo no processo de gramaticalização. Já Almeida (2010), trata de aprofundar a análise da distribuição das ocorrências do subjuntivo e do indicativo em construções do tipo substantivas (encaixadas) e adverbiais concessivas a partir dos pressupostos da Teoria da variação e mudança linguística.

Almeida (2010) observa os resultados da análise diacrônica, dados de fala culta, com base na amostra do Projeto NURC, referentes a dois centros urbanos brasileiros: Rio de Janeiro e Salvador. O autor evidencia que o uso do modo verbal varia em função de fatores de natureza sintático-semânticos e extra-linguísticos. Na fala culta, o tipo de sujeito da oração concessiva pode interferir na escolha de determinado modo verbal e, na fala não-culta, com determinados conectores (conjunções concessivas) e observa, também, que a frequência de uso do subjuntivo é menor. A análise torna ainda evidente que o uso do subjuntivo se especifica, na medida em que há (i) completa gramaticalização de certos conectores e (ii) restrição imposta pela própria norma gramatical. De acordo com a autora supracitada, pode-se concluir que, nas duas estruturas em foco, independente de a relação entre as cláusulas ser distinta, é o elemento à esquerda do verbo que comanda a seleção do modo verbal: nas orações encaixadas e que esse elemento, à esquerda, é o verbo da oração matriz; nas orações concessivas, o elemento à esquerda é aquele que introduz a cláusula subordinada, isto é, o conector.

Lucchesi e Meira (2019) realizaram uma pesquisa de uma análise sociolinguística da variação no emprego do subjuntivo nas orações adverbiais (dúvida, condicional e temporal), nos contextos em que a prescrição gramatical determina o uso do subjuntivo, no português popular do interior do Estado da Bahia, no município de Santo Antonio de Jesus. Na investigação, o encaixamento da estrutura linguística revelou que as formas do subjuntivo são mais frequentes em duas situações: uma de base morfológica e

outra de base semântica. Foi constatado, também, um quadro de mudança em progresso, em que o subjuntivo é mais frequente na fala dos mais jovens, o que corrobora a hipótese de que a variação no uso das formas marcadas do subjuntivo teve sua origem no processo de transmissão linguística irregular. De acordo com os autores, essa transmissão está associada a situações de contato linguístico massivo, como as que foram produzidas no bojo da expansão colonial europeia, entre os séculos XVI e XIX, nas quais um grupo dominante minoritário domina um grande grupo de falantes de línguas diversas e ininteligíveis entre si. Na colonização do continente americano, predominaram nesse tipo de situação os colonizadores europeus (portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses), como grupo dominante minoritário, e centenas de povos africanos, com suas centenas de línguas diferenciadas, como integrantes do grupo dominado.

Na pesquisa de Baiocato (2017), essa alternância de subjuntivo/indicativo foi apresentada e analisada em estudo de cartas pessoais do século XX que se defende a ideia de que a troca entre os modos Subjuntivo/Indicativo não modifica o valor semântico da oração, constituindo de fato um fenômeno variável. A metodologia empregada no trabalho exposto inclui duas etapas: o levantamento prévio de informações em gramáticas, manuais e outros materiais de cunho normativo similares, representativos do período de tempo compreendido pela análise, e o levantamento de resultados obtidos em estudos variacionistas sobre o fenômeno; em segundo, a análise empírica do fenômeno a partir dados oriundos de cartas pessoais datadas do século XX. A variável dependente é o modo verbal empregado em contexto de orações completivas, incluindo duas variantes: formas do Subjuntivo e formas do Indicativo. Com base no resultado obtido foi possível identificar três padrões de uso do Subjuntivo: uso categórico, uso semi-categórico e uso variável.

Novo (2015) investigou, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, a variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, nos contextos sintáticos em que a prescrição gramatical preconiza o uso obrigatório do modo verbal subjuntivo. Assim, foram analisados casos em que, em maior ou menor grau, a expectativa de emprego do subjuntivo é contrariada, gerando enunciados de aceitabilidade duvidosa no âmbito da variante de prestígio do português. Para a consecução dos fins da pesquisa, realizaram-se testes sociolinguísticos de percepção e de produção com turmas iniciais e finais do segundo segmento do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, em seis escolas públicas e privadas dos municípios de Niterói e Itaboraí e analisaram-se produções textuais dos discentes dessas mesmas escolas. Consideraram, estatisticamente, relevantes as variáveis

extralinguísticas *tipo de escola, escolaridade e cidade* e as variáveis linguísticas *contexto sintático e pessoa gramatical* com significância estatística. Constatou-se também que a variável *contexto sintático* pode ser descrita em um *continuum*, no qual as orações adverbiais de finalidade apresentam maior frequência de uso do subjuntivo, enquanto no pólo oposto localizam-se as orações adverbiais de causalidade. Por fim, percebeu-se que a 1ª pessoa gramatical motiva o uso do indicativo, assim como alunos do 6º ano de escolaridade tendem a usar mais, frequentemente, esse modo verbal nos contextos de uso estudados.

Felicíssimo (2015) investigou a descrição das ocorrências do modo subjuntivo com a noção de futuridade, de forma a expressar o não factual e a variação do presente do modo subjuntivo pelo uso do presente do modo indicativo. A pesquisa foi fundamentada em princípios do funcionalismo linguístico e o ponto de partida foi as regras gramaticais de padrão normativo proposto por gramáticos tradicionais brasileiros como Celso Cunha, Lindley Cintra, Maria Helena de Moura Neves e Castilho. O problema proposto na pesquisa foi refletir as questões sobre as ocorrências do uso do presente do subjuntivo, a ocorrência do uso do presente do indicativo pelo presente do subjuntivo e o porquê da ocorrência dessa variação.

Lima (2018) pesquisou sobre o uso de formas do subjuntivo frente a outras formas verbais (indicativo e infinitivo) em orações substantivas que expressam opinião (como complemento às orações principais com os verbos *acreditar* e *crer*), em orações adverbiais que expressam condição iniciadas pela conjunção *se* e em orações adverbiais que expressam finalidade iniciadas pela conjunção *para (que)* na fala de mulheres de Salvador (BA). A pesquisa foi fundamentada nas teorias da sociolinguística variacionista laboviana, do sociofuncionalismo e do letramento. Durante a pesquisa, foram testadas 4 hipóteses: (a) há variação no uso de formas de subjuntivo a outras formas verbais (indicativo e infinitivo) em orações substantivas, condicionais e finais consideradas; (b) variação no uso de formas de subjuntivo frente a outras formas verbais (indicativo e infinitivo) em orações substantivas, condicionais e finais consideradas e controladas por variáveis intralinguísticas; e (c) variação no uso de formas de subjuntivo frente a outras formas verbais (indicativo e infinitivo), em orações substantivas, condicionais e finais consideradas e controladas por variáveis extralinguísticas. Os resultados dessa pesquisa revelaram a conservação do uso do subjuntivo em contextos tradicionalmente previstos tanto para o uso do subjuntivo quanto para o uso do imperativo, também foi observado que na ausência da variante com subjuntivo, o falante soteropolitano fazia uso preferencial de estruturas alternativas, demonstrando, portanto, a

pouca preferência pelo uso de indicativo. As estruturas alternativas mencionadas referem-se às formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), geralmente consideradas pela tradição gramatical como construções equivalentes a formas de subjuntivo

Em decorrência do exposto, podemos comprovar que inexitem pesquisas sobre a alternância do indicativo/subjuntivo, nas orações subordinadas adverbiais concessivas, com base nos atos de fala popular fortalezense. Então, a presente pesquisa irá desenvolver essa análise supracitada, com dados provenientes do banco de dados NORPOFOR – Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – sob a perspectiva da variabilidade linguística. Privilegiaremos uma análise sincrônica do uso variável das formas verbais do indicativo e do subjuntivo. Investigaremos os casos que apresentam a quebra ou não da correlação temporal entre a oração principal e a oração subordinada adverbial concessiva, além de investigar a variação dos modos indicativo/subjuntivo, nesse tipo de oração, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos. Verificaremos, também, a situação de distinção dos modos, considerando que o indicativo mostra, em geral, posicionamento de certeza do falante em relação a seu dizer e que o modo subjuntivo revela um posicionamento de incerteza, de acordo com a modalidade. A pesquisa também irá averiguar as possíveis constatações: se teremos uma maior incidência oral de expressões concessivas no indicativo, no subjuntivo ou nos dois modos verbais, simultaneamente, sendo isso uma alternância.

Desta maneira, esperamos contribuir com o tema, de forma relevante, apontando para a análise das conjunções concessivas, nas orações subordinadas adverbiais concessivas, retiradas do *corpus* em estudo, NORPOFOR, associadas ao uso do subjuntivo em alternância com o indicativo, observadas no falar fortalezense, verificando, assim, as variações linguísticas nesses contextos de fala levando em consideração os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Portanto, na pesquisa apresentada, encontrar-se-á uma fonte para atualização de conhecimentos sobre a alternância do indicativo/subjuntivo, nas orações subordinadas adverbiais concessivas, à luz da Sociolinguística Variacionista, bem como um estímulo à reflexão sobre o exposto com o fito de proporcionar novas pesquisas sobre os questionamentos supracitados.

2. FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, vamos apresentar alguns fenômenos essenciais para o desenvolvimento e compreensão da pesquisa em andamento. Na seção 2.1 focaremos a abordagem normativa para explicarmos a alternância subjuntivo/indicativo discutindo conceitos sobre a noção de “certeza” para o indicativo e “incerteza” para o subjuntivo e ainda comentando as orações subordinadas adverbiais concessivas e a subcategorização dessas orações à luz de Neves (2000).

Em seguida, na seção 2.2, falaremos da alternância subjuntivo/indicativo, sob o viés da Teoria Variacionista, discutindo conceitos sobre a relação comunicativa entre falante e ouvinte com base na gramática emergente no discurso.

2.1 As orações subordinadas adverbiais concessivas e o modo verbal

A oposição entre os modos verbais subjuntivo/indicativo, em Língua Portuguesa, pode ser definida a partir de alguns fatores. Bechara (2006) afirma que esses modos verbais são eleitos a partir da posição do falante mediante o seu agente e à ação. O autor define ainda o subjuntivo como o modo que faz referência aos fatos incertos.

Cunha (1985) menciona que o modo subjuntivo transmite uma noção de ação ainda não realizada e dependente de outra ação. Acrescenta mencionando que o subjuntivo indica ordem, proibição, desejo e vontade. Cegalla (2007) acrescenta aos nossos conhecimentos a ideia do subjuntivo como o modo verbal que deseja exprimir algo incerto, hipotético e irreal, podendo ocorrer em orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, assim como também afirmam Cunha e Cintra (2008).

De acordo com a própria definição da Gramática Tradicional (doravante GT) e com análises realizadas por Menon (2007), a GT prevê papéis diferentes aos modos indicativo e subjuntivo. Assim, também constata Pereira (1958) quando afirma que o modo Indicativo caracteriza-se como o modo da realidade em juízos afirmativos, negativos ou interrogativos como em: Eu estudo / Não irei / Que fizeste? O autor supracitado além de ressaltar a “certeza” expressa no modo Indicativo o comparou e o divergiu do modo Subjuntivo caracterizando este como o modo da possibilidade.

O subjuntivo ou conjuntivo é o modo da possibilidade. Em regra,

ele se prende ao verbo, sob cuja dependência se acha (subjuntos = postos debaixo). Nesta dependência é ele empregado quando o fato é duvidoso ou indeterminado; no caso contrário, é ele substituído pelo indicativo. (Pereira, 1958, p. 343-344)

Para acréscimo de informações, temos teóricos como Lavandera (1978) que questionam se as formas do indicativo e do subjuntivo podem ser alternadas e, mesmo assim, digam a mesma coisa, ou seja, se são variantes de uma mesma variável.

Fatos verificados por Blatt (1952) constataram que desde o latim clássico já ocorria a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo. Para o autor, a noção de *irrealis* também pode ser expressa pelo indicativo assim como a noção de dúvida. O autor afirma que, de acordo com os estudos diacrônicos, o subjuntivo é relacionado a estruturas de subordinação sendo essa relação caracterizada como “correta” pela norma culta.

De acordo com a tradição gramatical do português brasileiro, os modos verbais indicativo e subjuntivo são distintos e apresentam oposições de valor semântico com relação ao grau de certeza do falante quanto ao conteúdo de suas proposições. Perini (1996) constata, em seus estudos sobre as condições formais e semânticas dos modos verbais em português, que o tempo verbal da oração subordinada é fator relevante para o uso do modo subjuntivo na subordinação.

A negação também é fator relevante para identificarmos o uso do modo indicativo, subjuntivo ou se é possível acontecer a alternância entre os modos supracitados. Pimpão (1999; 2012) acrescenta informações sobre a negação na oração matriz e confirma que esse é um fator que favorece o emprego do subjuntivo, fato esse, também apresentado por Neves (2000) quando afirma que o elemento de negação na oração principal gera o valor de incerteza ocasionando a noção da subjuntividade à oração subordinada.

Para Neves e Castilho (2016), a abordagem gramatical tradicional explica a classificação “subordinada adverbial” devido à hipótese de que esse tipo de oração é um constituinte da oração matriz exercendo a função de adjunto da oração principal. Castilho (2014, p. 371) afirma que as orações adverbiais são sentenças com informações adicionais à oração principal e provocam alterações de sentido à oração matriz. Porém os autores supracitados mencionam que orações desse tipo podem ser melhor caracterizadas pelo modo de articulação com a oração principal como o grau de interdependência e o tipo de relação lógico-semântica que expressam. Podem classificar-se, de acordo com a perspectiva pragmática, segundo o domínio de conteúdo, o domínio epistêmico e os atos de fala,

conforme propõe a gramática funcional. As construções que envolvem domínio de conteúdo correspondem ao nível de predicacão, ou seja, relação entre estado de coisas que ocorrem em algum mundo real ou possível. As construções de domínio epistêmico correspondem ao nível da proposição em que a relação acontece entre os conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. As construções de domínio dos atos de fala correspondem às camadas das frases. Dessa forma, os teóricos Neves e Castilho (2016) mencionam que as orações adverbiais devem ser chamadas de hipotáticas, pois expandem as orações nucleares reelaborando-as ampliando-as ou apresentando uma relação circunstancial, portanto, construções hipotáticas concessivas e podem ser subclassificadas em factuais/reais, eventuais/potenciais e contrafactuais/irreais cujas definições, de acordo com os autores supramencionados, aparecem, respectivamente, na organização abaixo:

Factuais/reais: a realização da verdade da oração concessiva e a realização da verdade na oração principal.

Eventuais/potenciais: dada a potencialidade da oração concessiva não necessariamente se segue a realização da verdade ou não verdade/não-realização da oração principal.

Contrafactuais/irreais: a não-realização da concessiva leva a não-realização da oração principal.

De acordo com estudos realizados pelos autores supracitados, as construções concessivas com leitura factual/real representam quase 90% dos dados encontrados no *corpus* analisado pelos autores pesquisadores e as construções do tipo contrafactual/irreal não foram encontradas. Neves e Castilho (2016) afirmam que as concessivas factuais/reais tendem a ocorrer pospostas às orações nucleares e quando introduzidas pelas conjunções *embora*, *se bem que*, e *apesar (de) que*. Apresentamos, abaixo, exemplos que expressam as situações supracitadas:

(1) *Tornei-me um aluno exemplar, **apesar de que** morria em quase todos os assaltos e emboscadas* (Neves 2000, p. 863).

Já as eventuais/potenciais são encabeçadas pelos conectivos *mesmo que* e *ainda que* e são antepostas às orações nucleares.

(2) ***Mesmo que** nesta época estejamos produzindo muito petróleo,*

continuaremos, a importá-lo nas mesmas quantidades atuais (Neves 2000, p. 862).

Uma resposta a essa diferença de ordem das orações, explicado pelos autores, é devido à condução das argumentações associada à distribuição da informação. Quanto à correlação modo-temporal é relevante para a distinção entre as construções factuais/reais das construções eventuais/potenciais. As correlações mais usuais na concessiva são as que apresentam o uso do presente do indicativo na oração nuclear e presente do subjuntivo na concessiva.

(3) *Embora ninguém preste atenção, aliso de novo a saia* (Neves 2000, p. 865).

Sob a luz argumentativa dos autores supracitados, essas construções hipotáticas concessivas apresentam como característica principal uma contrariedade a uma expectativa e opõem-se à oração principal.

(4) *Embora fosse um amigo recente e reticente, já lhe tinha emprestado pequenas quantias.* (Neves 2000, p. 866).

Observamos que em (4) temos um fato ou evento expresso em “já lhe tinha emprestado pequenas quantias” e a condição expressa nessa oração não é suficiente para a não-realização do fato expresso na oração seguinte. As construções concessivas não podem ser equacionadas sem que interfiram na relação falante-ouvinte e sem que evoquem conhecimento partilhado, argumentação e objeção. O que é expresso nas construções concessivas são eventos que se têm como obstáculo à realização do evento ou à existência de situações expressas na oração principal, mas esse obstáculo não é suficiente para impedir a situação definida na mesma.

Para Cunha e Cintra (1988, p. 454), o subjuntivo é o modo da dependência de verbos cujo sentido esteja ligado à ideia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras ideias correlativas. Alguns exemplos citados, são os verbos *desejar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*. Segundo os autores supramencionados, o subjuntivo deve ocorrer, em princípio de regra, depois das conjunções concessivas (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que,*

se bem quee demais conjunções concessivas). Porém, esse fato é questionável, pois os estudos variacionistas comprovam como o faz Fagundes (2007), em sua tese de doutorado, ao analisar a distribuição dos usos dos modos indicativo e subjuntivo, em *corpus* oral, constituído de 96 entrevistados, em quatro cidades do Paraná, armazenados no Banco de Dados do Projeto VARSUL (Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco). O levantamento realizado por Fagundes (2007) comprovou que orações concessivas, construídas com as conjunções “que” e “posto que” fizeram uso tanto do subjuntivo quanto do indicativo quebrando a conjuntura de que concessivas “exigem” o emprego do subjuntivo.

De acordo com dados previstos e com os estudos analisados por Pereira (1958), Fagundes (2007) e Menon (2007) observamos que tais definições corroboram para a constatação de que o verbo é empregado no Indicativo quando se tem a certeza do fato, ou seja, se ele ocorreu ou costuma ocorrer. O conteúdo sendo duvidoso ou hipotético vai aparecer o modo Subjuntivo.

2.1.1 A subcategorização das concessivas

As orações subordinadas adverbiais concessivas podem ser definidas, do ponto de vista pragmático, como orações em que o falante pressupõe uma objeção à sua asserção, mas é refutada pelo próprio falante prevalecendo a sua asserção, (Neves, 2000). O que está implicado na assertiva, exposta anteriormente, é que, nas construções concessivas, existe uma hipótese de objeção por parte do interlocutor. Dessa forma, visualizamos a construção das concessivas por parte do falante:

- A oração concessiva apresenta uma objeção que o falante pressupõe que o ouvinte tenha.

(5)... *a pessoa vai ficar com o restante **embora seja** um dinheiro que ninguém quer porque custou o quê?* ” (DID, NORPOFOR, Inq. 62, mulher, 9 – 11 anos de escolaridade, faixa etária 3, 50 anos)

- A ideia que prevalece é a que está expressa na oração principal.

(6) *Fazia um frio enorme, **embora** não estivesse nevando.*²

² Exemplo criado pela autora.

Neves (2000) apresenta a construção das concessivas assim como os subtipos desse tipo de oração. Segundo a autora, as construções concessivas podem ser subcategorizadas em *factuais* (ou reais), *contrafactuais* (ou irrealis) e *eventuais*.

As orações *factuais* configuram um fato no presente típico (verbo da oração principal no **presente do indicativo** e verbo da oração concessiva no **presente do subjuntivo**) e, nesse caso, tanto a concessiva quanto a oração principal devem ser verdadeiras para que a asserção global também seja verdadeira. Essas orações apresentam-se com a seguinte estrutura:

- Verbo da oração principal: presente do indicativo

- Verbo da oração concessiva: presente do subjuntivo

(7) *Essa oportunidade parece-nos mirabolante, **embora** não sejamos adeptos ao movimento.*³

(8) *É porque homem é assim quando... **por mais** que ela teja sustentando... ele inda quer mandar ele nunca quer deixa de/de manda ele nunca* (DID, NORPOFOR, inquérito 10, mulher, 34 anos, escolaridade 0 a 4 anos, faixa etária 3, 60 anos)

Com o conectivo *ainda quando* é possível que a concessiva apareça com o verbo no presente do indicativo.

(9) *O intuito é promover a luta de classes **ainda quando** estão com ideias muito distintas.*

Em suma, nas orações concessivas factuais tanto a oração principal como a oração concessiva devem ser verdadeiras para que a asserção global também seja verdadeira.

As orações *contrafactuais* (irrealis) configuram a não realização/falsidade tanto

³ Exemplo criado pela autora.

nas concessivas quanto na oração principal para que a asserção global também seja não-verdadeira. A expressão típica desse tipo de oração não se faz com a conjunção “*embora*” mas com conjunções do tipo “*mesmo que*”, “*ainda que*” e “*nem que*”. As construções *contrafactuais* são construídas com passado ou presente e apresentam-se coma seguinte estrutura:

- Verbo da oração principal: pretérito imperfeito, futuro do pretérito ou presente do indicativo.
- Verbo da oração concessiva: pretérito imperfeito do subjuntivo.

(10) *ele olhou do céu... para a terra... e não achou... nenhum justo sequer... nenhum homem por mais que ele tivesse a sua riqueza... nenhum homem que tivesse a suas formaturas...* (DID, NORPOFOR, inquérito 22, homem, escolaridade de 0 a 4 anos, faixa etária 1, 25 anos)

As orações concessivas *eventuais* outro tipo de oração, configuram conteúdo proposicional verdadeiro para a oração principal e conteúdo verdadeiro ou falso para a concessiva. De acordo com Neves (2000), existe, assim, uma incerteza epistêmica sobre a ocorrência do conteúdo da proposicional na oração concessiva. As construções verbais para as *eventuais* são:

- Verbo da oração principal: presente, futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo.
- Verbo da oração concessiva: presente ou pretérito imperfeito, geralmente, no subjuntivo.

(11) *Você está acostumado a dizer “sim” mesmo que não seja a sua vontade.*⁴

(12) *... **nem que** eu tenha que trabalhar em casa de família até eu conseguir até*

⁴ Exemplo da autora.

terminar mas... se for pela vontade de Deus será como Deus quiser e eu pretendo é cursar um curso éh:: secretariado né? pretendo fazer secretariado. (DID, NORPOFOR– inquérito 34, mulher, escolaridade entre 9 a 11 anos, faixa etária 2, 26 anos)

Observamos, nas orações supracitadas, que o conteúdo das orações principais, como em (11), “Você está acostumado a dizer sim”, representam essa “verdade” mencionada nas orações eventuais, porém a concessiva dessas orações apresenta um conteúdo proposicional o que ocasiona a incerteza epistêmica proposta nas orações concessivas eventuais.

As três subcategorizações das orações concessivas, à luz de Neves (2000), têm em comum o fato de que em todas elas existem relações contrastivas (contrário à expectativa) entre o tipo de evento representado pela proposição concessiva e o representado pela proposição nuclear.

Dessa forma, a relevância das informações supracitadas, na seção anterior, à nossa pesquisa, é o fato de podermos observar a correlação temporal e modal das orações principais e subordinadas, constatando, o tempo e os modos verbais mais propícios para a proposição nuclear e os mais propícios para a proposição concessiva. Em nossa pesquisa, verificaremos esses modos e tempos verbais de acordo com a subcategorização de Neves (2000), nas orações concessivas e nas orações nucleares, mas também faremos a análise de acordo com a modalidade, pautado em Givón (1984), Neves (2006) e Ilari/Basso (2014) para que possamos compreender se há alternância ou não entre subjuntivo e indicativo com os dados retirados do *corpus* NORPOFOR.

2.2 A alternância subjuntivo/indicativo sob o viés da Teoria Variacionista

Labov (1978) apresenta limites para o significado referencial propondo que é necessário, primeiramente, identificar o significado base na informação da comunicação. Na variação linguística esse significado base é preservado quando constituído através da variação social e da variação estilística. Esta trata do contraste entre formal e informal enquanto aquela trata do contraste entre as formas rurais e urbanas apresentando o falante pela linguagem. Esta postura laboviana estende-se para o estudo do modo verbal e modalidade.

Labov (1978) propõe duas informações sobre o significado da variável linguística: o significado estilístico e o significado social ambos operando sobre o significado representacional que compõem o significado primário, ou seja, significado base da variável linguística.

Enquanto a tradição gramatical atribui ao subjuntivo o fato da incerteza e da possibilidade quando há na nuclear verbos que exprimem desejo, volição, dúvida, advérbio “talvez”, orações adverbiais final, temporal, causal, orações relativas que expressam hipótese, a gramática prescritiva atribui as noções de incerteza e possibilidade nas próprias restrições de uso do modo subjuntivo. Esse fato possibilita a interferência do modo indicativo, nesses contextos supracitados pela gramática tradicional, como determinantes do subjuntivo.

Este estudo tem como objeto de estudo orações concessivas, conforme o conteúdo das orações elucidadas a seguir e descritas na seção “ Análise de dados”, página 59:

- (19)...OK...*ela vai praticando as mesmas coisas sempre por exemplo mesmo que ela se **gradoe e chegue** até a faixa preta.* [DID – NORPOFOR- inquérito 12, mulher, 23 anos, 5-8 anos de escolaridade]
- (20)... *vou conseguir ganhar mais dinheiro se **bem que eu não ligo [ligue]** muito pra esse lado sabe?* [DID – NORPOFOR - inquérito 54, homem, 33 anos, 5-8 anos de escolaridade]
- (21)... *áí começou a a... os juroa cair... né... às vezes **embora nós morávamos [morássemos]** numa casa alugada tinha que pagar com esse dinheiro áí a gente ia tirar...* [DID – NORPOFOR - inquérito 45, homem, 63 anos, 0-4 anos de escolaridade]

Observamos, no exposto acima, exemplos de orações, retirados do corpus em análise, NORPOFOR, que nos evidenciam que o significado representacional da sentença não é comprometido quando ocorre a alternância entre subjuntivo e indicativo como no exposto nos exemplos (20) e (21).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos os aspectos teóricos que fundamentam nossa pesquisa. Inicialmente, na seção 3.1, apresentamos a teoria de base da pesquisa, a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Em seguida, na seção 3.2, explicaremos a relevância dos fatores sociais na Variação linguística.

3.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística e os estudo da linguagem

A Teoria da Variação Linguística leva em consideração a relação entre língua e sociedade buscando fatos embasados em dados de fala de situação espontânea. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006) o objetivo dessa Teoria é descrever a língua de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos, analisando-a como um sistema heterogêneo e dinâmico. Esse caráter heterogêneo, dado à língua, citado pelos autores supramencionados, é o produto das combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, mas disponíveis em conjuntos. (Weinreich; Labov; Hersog, 2006).

De acordo com Labov, temos explicações para as mudanças linguísticas que se resumem em três problemáticas: a origem das variações linguísticas; a difusão e a propagação das mudanças linguísticas, assim como a regularidade dessas mudanças linguísticas. Segundo o teórico, o que ocasiona essas três problemáticas é a variação na fala dos indivíduos.

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. (Labov, 2008, p. 19 e 20).

No enfoque laboviano, fica explícito que as variações podem se difundir a ponto de as formas novas se confundirem ou substituírem as formas antigas quanto ao âmbito de uso. De fato, os estudos sociolinguísticos de orientação laboviana, centrados na diversidade do uso da língua, ressaltam sua natureza social. A ênfase desses estudos correlaciona os fatos linguísticos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos aos fatos sociais como sexo, idade e escolaridade. Figueroa (1994, p. 70), em referência a Labov, menciona:

[...] está claro que ele (Labov) situa seu trabalho dentro da linguística em termos

do tópicos concernente (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) e deixa a questão do uso linguístico culturalmente padronizado e do uso linguístico condicionado social ou situacionalmente para outros tipos de sociolinguística.

Os fatos supracitados confirmam que, para se analisar o desenvolvimento de uma mudança linguística, deve-se considerar a vida social da comunidade em que ela ocorre, conforme afirma Labov (2008, p. 21): “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Portanto, o foco do estudo da língua, em pesquisas sociolinguísticas, é a comunidade de fala e não o indivíduo propriamente dito, para Labov (2008), uma comunidade de fala é um grupo de falantes que utilizam as mesmas formas da língua e assim as compartilham.

Guy (2000) relata que a comunidade de fala é a estrutura básica de referência e tem duas funções na teoria sociolinguística; a primeira explica a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, motivo que leva alguns falantes a compartilharem alguns traços linguísticos que os diferenciam de outros falantes; a segunda função serve como justificativa para unir os idioletos de falantes individuais. Embora haja muitas definições para comunidade de fala, Guy (2000, p. 18) esboça as seguintes características para a mesma:

Definição de comunidade de fala - características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela. - densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele. - normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Labov (1972) menciona que, no início de seus estudos, na linguística, a intenção era coletar dados de fala do cotidiano de ambientes sociais comuns, pois queria se afastar dos ambientes acadêmicos que se apegavam apenas a formalidades da língua e não davam lugar aos estudos empíricos, por não acreditarem que poderiam ter lugar na linguística.

Os estudos labovianos comprovam que é necessário analisarmos as propriedades de uma variável linguística para servir de foco para o estudo de uma comunidade de fala. Como critério de organização, é levado em consideração o item que ocorre com frequência no curso da conversação natural espontânea para que possa acontecer o mapeamento dos referidos contextos. As explorações preliminares devem sugerir distribuições de acordo com

as faixas etárias e outros fatores relacionados à sociedade.

Labov, Cohen, Robins e Lewis (1968) afirmam que uma forma de evitar a interação colaborativa de informações entre entrevistado e entrevistador é estudar a pessoa em seu contexto social natural ou na vida diária. Através dessas concepções, verificamos que a metodologia da pesquisa sociolinguística é, de fato, bem sucedida, pois busca informações, em determinadas comunidades de fala, e as associa à ideia de que a língua é social, portanto não pode ser considerada propriedade apenas do indivíduo, mas sim, da comunidade de fala que, para Labov, tal comunidade não deve ser compreendida como um grupo de indivíduos que fala exatamente igual, mas que contribui e mescla os traços linguísticos e compartilha normas e atitudes diante do uso da linguagem (Labov, 1972).

Com o objetivo de compreendermos melhor o processo da variação linguística e termos respostas plausíveis sobre a mudança linguística, pautamo-nos em Weinreich, Labov e Herzog (2006), que nos apresentam cinco problemas que sintetizam os princípios empíricos:

- 1- **O problema dos fatores condicionantes:** o objetivo é determinar o conjunto de mudanças e as condições possíveis para que ocorra a mudança linguística;
- 2- **O problema da transição:** todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso, até agora, têm mostrado distribuição contínua através das sucessivas faixas etárias da população. Entre os estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B;
- 3- **O problema do encaixamento:** a maioria dos linguistas concordam que as mudanças linguísticas, sob investigação, devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. O encaixamento na estrutura linguística nos propõe que a mudança linguística raramente é um movimento de um sistema inteiro para outro e que, em vez disso, descobre-se que um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais, gradualmente, de um pólo para outro. Quanto ao encaixamento, na estrutura social, é a própria estrutura linguística mutante encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo, que as variáveis sociais e geográficas são elementos intrínsecos da oração. O linguista, nessa etapa, terá de mostrar a correlação existente entre estrutura linguística e sociedade;

- 4- **O problema da avaliação:** esse problema é destinado à análise dos diversos estratos e variáveis da estrutura heterogênea e como as mudanças podem ser avaliadas e, ainda, como os seus efeitos recaem sobre a estrutura linguística e social;
- 5- **O problema da implementação:** esse problema procura investigar como ocorre a implementação da mudança e por que ela ocorre em alguns contextos linguísticos e em outros não.

Dos problemas supracitados, nos deteremos, nessa pesquisa, no problema dos fatores condicionantes.

Os problemas empíricos supracitados serviram como base para grandes questionamentos a serem investigados os quais os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006) resumiram em sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística com o propósito de fixar os postulados mais importantes da Teoria da Variação e Mudança Linguística. São estes:

- 1- A mudança linguística começa com a generalização de uma alternância particular num dado grupo de uma comunidade de fala. A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala.
- 2- A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui formas categóricas e formas variáveis. O domínio de uma língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas por parte do falante nativo.
- 3- Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
- 4- A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea, mas envolve a correlação de mudanças no decorrer do tempo e aparece em diferentes áreas do espaço geográfico.
- 5- As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala tendo em vista que as estruturas variáveis são determinadas por funções sociais não podemos falar em gramáticas individuais.
- 6- A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade de fala e não está

condicionada apenas a etapas dentro da família. Qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade de fala, ou seja, é muito mais que o resultado de algo passado de geração em geração, entre pais e filhos.

- 7- Fatores linguísticos e sociais estão intimamente relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações de um ou outro aspecto falharão ao descrever o rico volume de regularidade observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Camacho (2012, p. 61) resume esses problemas empíricos, de interesse da Teoria da Variação e Mudança Linguística, afirmando que a proposta

[...] trata da estrutura e da evolução da linguagem, encaixando-a no contexto social da comunidade. Seus tópicos recobrem a área convencionalmente chamada de “linguística geral”, na medida em que lida com questões decorrentes dos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico para esclarecer a configuração das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de sistemas alternativos e, principalmente, a evolução diacrônica de tais regras e sistemas.

Portanto, a variação linguística, na fala apresentada pelo autor supramencionado e nas propostas apresentadas por Labov, ocorre ao termos formas linguísticas diferentes, conhecidas como variantes, codificando um mesmo significado referencial, ou seja, uma variável linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 105) definem essa variável linguística como “[...] um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Labov (1978) menciona que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas, com o mesmo valor de verdade, constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável)

3.2 Os fatores sociais na variação linguística

Inicialmente, a conduta para a obtenção dos dados para as pesquisas, na comunidade de fala, deve seguir passos elementares como localizar e contatar informantes. Labov (2008) menciona que conseguir esses passos elementares é um problema difícil para os pesquisadores, mas crucial para a sociolinguística suscitada pela necessidade de entender por que alguém diz alguma coisa. Muitas vezes, por meio de questões básicas e metodológicas, como gravações e amostragem, é possível colher bons dados para a

pesquisa.

Labov (2008) menciona que a única maneira para a obtenção de bons dados de amostras de fala, em quantidade suficiente, é mediante a entrevista individual e gravada. O objetivo dessa ação é descobrir, com o mínimo de interferência do entrevistador, como as pessoas falam quando não estão sendo, sistematicamente, observadas, como em processos feitos com intervalos e pausas fazendo com que o entrevistado sinta-se confortável a ponto de pensar que não se trata de uma entrevista.

O autor supracitado define variável sociolinguística associada à variável não-linguística de contexto social como o falante, o interlocutor, o público e o ambiente. Os traços linguísticos, chamados por Labov (2008) como *indicadores*, mostram os indicadores dos grupos socioeconômicos, étnicos e etários que devem ser ordenados por hierarquia para serem, posteriormente, *estratificados*.

Labov apresenta-nos contextos intrigantes quanto ao fator “sexo” do falante através do monitoramento realizado com homens e mulheres. “Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (Labov, 1966 a, p. 288). Fischer (1958) também comprova tal fato ao propôr estudos sobre esse fator social no trabalho de Shuy e Fasoldem Detroit, em Levine e Crockett e no estudo de Anshen em Hillsboro. Os estudos supracitados mostraram que mesmo as mulheres utilizando formas extremas de uma variável sociolinguística, em situações de fala casual, rapidamente, era feita a autocorreção.

Labov (2008) explica a situação e a importância dos fatores sociais na mudança linguística. O autor aponta para o papel dos fatores sociais que influenciam a evolução linguística, mas que é importante não superestimar o grau de contato entre os valores sociais e a estrutura da língua. Notamos que o limite deve ser utilizado, nessas ações mencionadas, principalmente porque a maioria das regras linguísticas estão distantes dos valores sociais.

Ao falar do papel dos fatores sociais que influenciam a evolução linguística, é importante não superestimar o grau de contato ou superposição entre valores sociais e a estrutura da língua. A estrutura linguística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras linguísticas estão bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear. (Labov, 2008, p. 290)

Dessa forma, parece-nos clara a devida importância da análise dos fatores sociais como forma de entender o processo da mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006) propõem que fatores internos e externos são de suma importância para a compreensão

dos fenômenos variáveis e ainda podem ser responsáveis pela variação e mudança linguística. Compreendemos, então, que estas são inerentes ao próprio sistema e são controladas por situações de caráter interno (estrutural) e externo (social e contextual).

Outra consideração, em nossos estudos de cunho variacionista, é o contexto da modalidade que se manifesta na parte funcional do processo cognitivo-comunicativo entre falante-ouvinte. Essa relação comunicativa entre falante-ouvinte ocorre através de estratégias linguísticas em que o falante expõe seus propósitos comunicativos com base na gramática emergente no discurso. Quanto ao ouvinte, compete interpretar as intenções comunicativas do falante. Propomos, nessa pesquisa, identificar e analisar a modalidade como complemento aos estudos sugeridos, na construção linguística, e analisar, gramaticalmente, a morfologia verbal do indicativo e subjuntivo como formas que podem ser alternadas em contextos de orações concessivas.

4 A MODALIDADE

De acordo com Givón (1984), os subsistemas gramaticais – tempo, aspecto e modalidade, conhecidos como TAM, – na gramática, são categorias obrigatórias para que sentenças simples e complexas sejam produzidas e compreendidas em seu contexto discursivo mais amplo. Para o autor supracitado, a modalidade, em si, envolve, principalmente, noções de realidade, no sentido de existência factual a algum tempo real (verdadeiro), existência a nenhum tempo real (falso) ou tendo existência em algum ponto ainda a vir (possível).

Nesse sentido, observamos que o complexo TAM é constituído por diversos traços semânticos e pragmáticos-discursivos. Estes com o propósito de lançar proposições no discurso enquanto aqueles estão envolvidos na estrutura significativa dos verbos e dos traços semânticos proposicionais. Givón (1984) afirma que é comum uma mesma unidade de codificação (morfema) codificar um feixe de funções lexicais, proposicionais e discursivas. Quanto à morfologia do TAM, Givón (1984) afirma que a mesma tende a agrupar-se ao redor do verbo.

Nesta pesquisa, deter-nos-emos na categoria de modalidade, apenas, mesmo compreendendo que as categorias TAM são interconectadas e até mesmo conectadas com outras propriedades. Abordaremos o domínio da categoria modalidade para que possamos compreender melhor os modos indicativo e subjuntivo.

De acordo com Neves (2006), a modalidade é um conjunto de relações entre locutor, enunciado e realidade objetiva. De acordo com o ponto de vista comunicativo – pragmático, a modalidade pode ser considerada uma categoria autônoma devido ao fato de o falante sempre realizar marcações do grau de certeza em termos de verdade do fato expresso, mas Ducrot (1993) afirma, seguramente, que a modalidade se refere às expressões que remetem à oposição estabelecida pela lógica antiga firmada entre os conceitos de “possível”, de “real” e de “necessário”.

Ducrot (1993) afirma que o aspecto não-modal dos enunciados vem da descrição das coisas e das informações objetivas sobre elas, já os aspectos modais são relativos às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso dessas informações. Fica proposto, de acordo com o autor supracitado, que na noção de modalidade se possa separar o objetivo do subjetivo.

Para Lyons (1977), o conceito de modalidade está ligado às noções de

“necessidade” e “possibilidade”. O autor menciona, em relação ao eixo do conhecimento e das crenças, ou seja, a modalidade epistêmica, como aquela que é relativa às crenças do falante em relação à verdade ou à falsidade de uma proposição, podendo se dividir em modalidade epistêmica subjetiva e objetiva. Para Lyons (1977), a modalidade epistêmica subjetiva diz respeito a uma marca explícita da opinião do falante, correspondendo, portanto, a avaliação que ele faz com base em suas próprias crenças e convicções; enquanto a modalidade epistêmica objetiva se refere à afirmação ou à constatação de um fato em relação à verificabilidade objetiva do evento em termos do que é conhecido. Para exemplificar, Lyons (1977, p. 808) apresenta: *Certamente ele pode ter esquecido*; em que o advérbio “certamente” se refere à marca subjetiva do falante com base em seus conhecimentos, enquanto o verbo modal “poder” diz respeito ao estatuto objetivo de possibilidade do evento, no caso, “ter esquecido”.

Givón (1984) fala do TAM – complexo formado por tempo, aspecto e modalidade – mas ressalta que o eixo central da relação é o tempo. De acordo com o autor:

- Tempo: envolve uma experiência temporal numa sequência.
- Aspecto: envolve a noção de limite de tempo, inclusive, pontos de referência na sequência temporal.
- Modalidade: abrange as noções de realidade, se há existência factual (verdadeira), em algum tempo, ou se não há existência em tempo real (falso) ou se há existência potencial (possível).

Neves (2006) menciona que as subcategorias de relações modais - a epistêmica, a dinâmica e a alética – distinguem-se pela “factualidade” e “possibilidade” ou “necessidade”, aspectos esses que correspondem a noções de “realidade” e “irrealidade”. A autora afirma ainda que um dos fatores decisivos na interpretação de enunciados com verbos modais é o tempo do enunciado e que a relação *realis x irrealis*, na proposição, é ligada com a relação temporal. Uma fonte, citada por Neves, como modalidade *irrealis*, em orações principais, são os verbos modais criadores de mundo, ou seja, os verbos que representam modos, estados ou eventos imaginários, como “procurar, querer, imaginar, sonhar com”, como ilustra o exemplo: Túlio queria/ imaginava/procurava/sonhava em colocar um disco na vitrola (Neves, 2006).

Neves (2006) liga a interessante lógica da modalidade com as noções de primeiro

plano ou *foreground* (linha principal do episódio) e de segundo plano o *background* (suporte de episódio da comunicação) e acrescenta que o *realis* se liga ao *foreground* e o *irrealis* ao *background*, assim como também afirma Givón (1984).

Para Ilari e Basso (2014), há o conhecimento de alguns tipos de modalidade como as de possibilidade e da necessidade lógica chamada de alética (do grego “verdade”). A que trata de permissões e obrigações é a modalidade deôntica e a que trata de opiniões e crenças é a modalidade epistêmica (do grego “ciência”) sendo essas duas últimas as mais frequentes.

Pimpão (1999) ressalta que a modalidade associada à categoria flexional do verbo é particularidade de algumas línguas, inclusive do português, e que esta modalidade atribui ao subjuntivo diversos valores nocionais como súplica, incerteza, dúvida e eventualidade. A autora afirma que o falante é participante da informação veiculada e coloca-se na proposição informando graus de crença e graus de obrigação e esse comportamento do falante perpassa o complexo do domínio TAM e instaura-se no âmbito da modalidade pressuposição ou *realis* ou *irrealis*. Nesse mesma linha de pensamento, Givón (1993, p. 169; 1995, p. 112) afirma que compete à modalidade assinalar a atitude do falante em relação ao conteúdo da proposição. Essa atitude, supramencionada, se refere a dois tipos de julgamentos do falante com relação à informação proposicional: os sub-modos *irrealis* epistêmico (verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência) e o deôntico (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação).

Dessa oposição comunicativa *realis/irrealis*, que pela tradição lógica citada por Pimpão (1999), trata-se da oposição de eventos factuais (reais) e eventos possíveis (irreais) e esse contraste assemelha-se ao prescrito pelos gramáticos tradicionais normativos do português quando mencionam o paradigma flexional de modo verbal entre indicativo e subjuntivo, situando eventos reais (realizados ou certos de serem realizados no plano da língua) para indicativo e eventos ainda não realizados/ irreais, para subjuntivo. É em virtude dessa correlação de *realis/irrealis* x *indicativo/subjuntivo* que vamos tratar nessa pesquisa das modalidades factuais, contrafactuais e de possibilidade sob interpretação comunicativa e sob a modalidade da pressuposição sendo a base funcional da pressuposição *realis/irrealis* o julgamento que o indivíduo atribui à realidade. A base para o que foi exposto segue o que foi estudado e apresentado por Pimpão (1999):

A asserção do *realis* tem a propriedade de asserir fortemente a proposição como verdadeira. Mesmo que o ouvinte desafie a veracidade do conteúdo proposicional, o falante possui evidências para defender sua forte crença. Em contrapartida, na asserção do *irrealis* a proposição é fracamente asserida e o falante não possui

evidências para defender informação proposicional, seja por essa ser possível, incerta, seja por ser desejada. Nessa modalidade, o desafio do ouvinte é até mesmo esperado. Sob a modalidade da pressuposição, apresenta-se um conhecimento incontestável, tomado como garantido por falante e ouvinte. O falante acredita fortemente no conteúdo da proposição, estando o ouvinte menos preparado para refutar tal crença. (p. 53)

4.1 A relação entre: modalidade lógica x modalidade linguística; modalidade lógica e modalidade linguística x modo verbal.

De acordo com R. Lenz (1920), a visão logicista sobre modalidade parte da divisão dos juízos lógicos em assertivas ou que expressam a realidade ou possibilidade e apodíticas indicadoras de necessidades e que essas expressões de juízos lógicos viriam expressas pelos modos indicativo e subjuntivo, respectivamente. Dessa forma, observa-se a relação entre modalidade lógica e modalidade linguística e entre ambas e o modo verbal.

Lyons (1970) explica que no âmbito da modalidade lógica tem-se três subclassificações e que as mesmas se relacionam com o plano linguístico. São elas: alética indicadora de necessidade ou contingência; epistêmica – que expressa certeza ou probabilidade e a deôntica – que se refere à obrigação ou permissão. Essas modalidades são representadas pelo autor, respectivamente, como:

(13) João necessita estar em casa.

(14) Creio que João está em casa. João deve estar em casa.

Dápena (1991) menciona que existem linguistas que preferem ver a modalidade não como um reflexo do pensamento lógico, mas como a intenção comunicativa do falante e que, dessa forma, seria relacionada com as diversas funções de linguagem. As explicações para tal fato, mencionado pelo autor supracitado, é que através da fala de um indivíduo estão envolvidas, além de informações e estado de coisas, a sua forma/maneira de expressar suas atitudes frente ao que diz e também é uma forma de influenciar os ouvintes.

Observamos que ambas as modalidades pertencem ao campo da pragmática relacionada ao que o falante estabelece entre o *dictum* e o que o rodeia, ou seja, o seu conhecimento de mundo. A modalidade pode incluir várias relações com o ouvinte e com o falante e entre ambos e a realidade, dessa forma, é nítido que as possibilidades de relações são imensas e nem todas se manifestam linguisticamente, ou seja, mediante marcas formais exclusivas e concretas, mas quando isso ocorre podem vir expressas por diversos meios linguísticos, como pelos meios fônicos – vertidos pela

entonação, como em orações interrogativas diretas; por meios morfológicos e lexicais, como os distintos modos verbais; isso nos leva à conclusão de que os modos são marcas de modalidade oracional, assim como afirma Dápena (1991).

Conforme o exposto, nesta seção, foram mencionadas muitas caracterizações para modalidade, mas utilizaremos os contextos de modalidade mencionados por Givón (1984), Neves (2006) e Ilari Basso (2014) para sustentar contextos sobre o referido assunto na nossa pesquisa, essencialmente quando se tratar de alguns tipos de modalidade de possibilidade, de necessidade, de permissões, de obrigações, de opiniões e de crenças.

5 METODOLOGIA

5.1 Métodos de pesquisa: de abordagem e de procedimento

Para a realização desta pesquisa, utilizamos o método hipotético-dedutivo que, segundo Lakatos e Marconi (1992), refere-se a pesquisas que são iniciadas pela percepção de uma lacuna e por meio desta formulam-se hipóteses e pelo processo de dedução são observados as ocorrências dos fenômenos abrangidos pelas hipóteses. Objetivamos, ainda, uma pesquisa de cunho descritivo, pois, segundo Gil (2002), pesquisas descritivistas priorizam a descrição de determinadas populações ou fenômenos. A presente pesquisa, em seu primeiro momento, partirá da análise de *corpus*, proveniente do banco de dados NORPOFOR. Buscaremos averiguar as incidências orais de expressões concessivas no Indicativo, no Subjuntivo ou nos dois modos verbais, simultaneamente, em ambiente linguístico de alternância, privilegiando uma análise sincrônica do uso variável dessas formas verbais.

Nosso principal interesse será de verificar o uso da alternância do Indicativo/Subjuntivo, no falar popular fortalezense, ao serem utilizadas orações subordinadas adverbiais concessivas, nos contextos de fala, verificando se essa alternância é condicionada por fatores linguísticos ou extralinguísticos. Examinaremos, também, a quebra ou não da correlação temporal entre a oração principal e a oração subordinada adverbial concessiva.

5.2 Delimitação do universo da amostra

Influenciados pelos princípios labovianos, defendemos a ideia de que a língua deve ser analisada no contexto social, através do desempenho. Portanto, utilizaremos, como base para essa pesquisa, um modelo de abordagem teórico-metodológico para estudarmos e analisarmos a língua a partir de dados de fala, efetivamente em uso, que fazem parte de uma comunidade de fala, no caso, Fortaleza.

Desta forma, o material linguístico analisado será extraído do Banco de Dados da Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR – desenvolvido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Nesse sentido, analisaremos o *corpus* priorizando 85 entrevistados. Para tanto selecionamos informantes, para representar o grupo a que

pertencem. A faixa etária desses entrevistados é de 15 a 50 anos ou mais, divididos em: 41 informantes do sexo feminino e 44 do sexo masculino; entre 0 a 11 anos de escolaridade.

5.3 Procedimento para a coleta de dados

Para realizar esta análise, utilizaremos o *corpus* contido no NORPOFOR; a amostra selecionada é constituída por 85 informantes estratificados em função da faixa etária, sexo e anos de escolarização. Selecionaremos os informantes, por células, de acordo com a quantidade existente no *corpus*, totalizando 85 informantes, divididos em: 41 informantes do sexo feminino e 44 informantes do sexo masculino. Seguindo esses parâmetros, apresentamos abaixo para uma melhor visualização do exposto a distribuição dos informantes por variáveis sociais:

Tabela 1 – Distribuição dos informantes por variáveis sociais.

Escolaridade	SEXO					
	MASCULINO			FEMININO		
	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
15 a 25 anos	5	4	5	4	5	4
26 a 49 anos	4	5	5	5	5	5
A partir de 50 Anos	5	6	5	4	5	4
Total por coluna	14	15	15	13	15	13
Totalidade por sexo	44			41		

Fonte: NORPOFOR

Tabela 2 – Distribuição dos informantes por variáveis sociais e os seus respectivos inquéritos - NORPOFOR

Escolaridade Faixa etária	SEXO					
	MASCULINO			FEMININO		
	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
15 a 25 anos	22, 23, 36, 150, 161	38, 47, 87, 112	20, 32, 56, 59, 110	9, 18, 70, 102	12, 33, 44, 79, 80	67, 68, 73, 82,
26 a 49 anos	30, 84, 103, 104	21, 29, 54, 85, 92	11, 76, 78, 81, 89,	10, 17, 31, 86, 115,	16, 69, 88, 90, 130	34, 55, 63, 83, 105
A partir de 50 anos	19, 26, 45, 95, 113	61, 65, 75, 91, 138, 148	46, 58, 149, 158, 159	6, 40, 57, 126	39, 48, 53, 128, 131	62, 64, 66, 143
Total por coluna	14	15	15	13	15	13
Totalidade por sexo		44			41	

Fonte: NORPOFOR

Visualizamos, na tabela 2, a distribuição dos inquéritos por variáveis sociais de acordo com o exposto no NORPOFOR. Constatamos que temos 44 inquéritos para o sexo masculino distribuídos por faixa etária e por escolaridade. Da mesma forma, fizemos essa distribuição com os inquéritos do sexo feminino, mas apenas com 41 inquéritos. Isso nos proporcionou uma maior organização quanto aos informantes e uma melhor visualização de cada célula apresentada na tabela supracitada.

A seguir, apresentamos o quadro síntese com as informações de cada informante, dividido por sexo e por variáveis sociais, selecionado para compor o banco de informantes desta pesquisa em andamento.

Quadro 1 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo masculino - NORPOFOR

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	22 (Homem, 25 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vigilante e residente no Monte Castelo.)	38 (Homem 16 anos solteiro escolaridade entre 5 a 8 anos natural de Fortaleza-CE pais naturais de Quixadá-CE auxiliar de soldador e residente na Granja Portugal)	20 (Homem, 18 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Maracanaú-CE, estudante e residente no Caça e Pesca.)
	23 (Homem, 21 anos, solteiro, escolaridade entre 0 a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Quixadá-CE, serviços gerais e residente no bairro Vila Betânia.)	47 (Homem, 23 anos, solteiro, com escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, pedreiro e residente no Pirambu.)	32 (Homem, 16 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no bairro Aldeota.)
15 a 25 anos	36 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no Farias Brito.)	87 (Homem, solteiro, natural de Fortaleza, 16 anos)	56 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente na Aldeota.)
	150 (Homem, 23 anos, casado, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pais naturais de Cascavel-CE, garçom e residente no José Walter.)	112 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Bela Cruz-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, estudante e residente na Maraponga)	59 (Homem, 24 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Guaramiranga-CE, professor de reforço e residente no São Gerardo)
	161 (Homem, 21 anos, solteiro, escolaridade entre 0 a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Quixadá-CE, serviços gerais e residente no bairro Vila Betânia.)		110 (Homem, 25 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de São Luís do Curu-CE e mãe natural de Itapajé-CE, vendedor e residente no Quintino Cunha.)

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	30 (Homem, 30 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pais naturais de Santana do Acaraú-CE, porteiro e residente no Henrique Jorge)	21 (Homem, 31 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vigilante (desempregado) e residente no Jardim Iracema.)	11 (Homem, 29 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Baturité- CE, mecânico e residente no bairro Vila Pery.)
	84 (Homem, 34 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pai natural de São Luís do Curu-CE e mãe natural de Pentecoste-CE, estofador e residente no Conjunto Ceará)	29 (homem, 34 anos, fortalezense, filho de pais cearenses (Xorozinho), com escolaridade de a 5ª série do 1º grau, técnico em eletrônica e residente no bairro Vila Peri)	76 (Homem, 33 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Viçosa-CE, técnico em informática e residente no Presidente Kennedy.)
26 a 49 anos	103 (Homem, 34 anos, solteiro, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Ipu-CE, zelador (serviços gerais) e residente em Messejana)	54 (Homem, 33 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Aquiraz-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, mergulhador e residente na Beira-Mar.)	78 (Homem, 34 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, segurança e residente no Cristo Redentor.)
	104 (Homem, 26 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, cearense, pais naturais de Fortaleza-CE, pedreiro e residente no Rodolfo Teófilo.)	85 (Homem, 38 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Iguatu-CE, entregador de remédios e residente no Conjunto Ceará.)	81 (Homem, 32 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Aracoiaba-CE, vigilante e residente no Antônio Bezerra.)
		92 (Homem, 32 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, autônomo (montador de som) e residente no Farias Brito.)	89 (Homem, 33 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Redenção-CE, instalador (área de eletricidade) e residente no Conjunto Ceará.)

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	19 (Homem, 59 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Cascavel-CE, vigilante e residente em Messejana.)	61 (Homem, 63 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Juazeiro-CE e mãe natural de Mulungu-CE, funcionário público (Secretaria da Fazenda do Estado) e residente na Cidade 2000.)	46 (homem, 58 anos, fortalezense, filho de pai fortalezense e mãe cearense (Quixeramobim), com escolaridade até o 2º grau, eletricitista e residente no bairro Conjunto Ceará.)
	26 (Homem, 73 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 04 anos, cearense, pais naturais de São Gonçalo do Amarante-CE, aposentado e residente no Pirambu.)	65 (Homem, 53 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Acopiara-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, motorista/mecânico e residente no Henrique Jorge.)	58 (Homem, 52 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, biscateiro e residente na Barra do Ceará.)
A partir dos 50 anos	45 (Homem, 63 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pais naturais de Itapipoca-CE, porteiro de condomínio e residente no Jardim Guanabara.)	75 (Homem, 52 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapajé-CE e mãe natural de Crato-CE, casado, vigilante e residente no Conjunto Ceará.)	149 (Homem, 76 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, motorista e residente na Aerolândia.)
	95 (Homem, 75 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Meruoca-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, vigilante aposentado e residente na Aerolândia.)	91 (Homem, 62 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, eletricitista aposentado e residente no Conjunto Ceará.)	158 (Homem, 58 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, motorista aposentado e residente na Parangaba.)
	113 (Homem, 50 anos, divorciado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vendedor e residente no Dionísio Torres.)	138 (Homem, 5-8 anos, 68 anos, Pan Americano)	159 (Homem, 59 anos, casado, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, com escolaridade entre 9 a 11 anos, supervisor de operações e residente no São Gerardo.)
		148 (Homem, 57 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, corretor de modas e residente no Conjunto Ceará.)	

Fonte: NORPOFOR.

Quadro 2 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo feminino - NORPOFOR

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	9 (Mulher, 21 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Maranguape-CE e mãe natural de Tamburi-CE, desempregada e residente no Santo Amaro.)	12 (Mulher, 23 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Pacajus-CE e mãe natural de Itarema-CE, autônoma e residente no Barroso.)	67 (Informante: Mulher, 19 anos, solteira, escolaridade entre 9 e 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza, desempregada e residente no Jóquei Clube.)
15 a 25 anos	18 (Mulher, 21 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, estudante natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE e residente no bairro Messejana.)	33 (Mulher, 23 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Jaguaratama-CE, doméstica e residente na Cidade dos Funcionários.)	68 (Mulher, 17 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Horizonte-CE, estudante e residente no Henrique Jorge.)
	70 (Mulher, 15 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aracoiaba-CE, desempregada e residente no São Cristóvão.)	44 (Mulher, 15 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pai natural de Boa Viagem-Ce e mãe natural de Ibiapina-CE, estudante e residente no bairro Aerolândia.)	73 (Mulher, 22 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, secretária/atendente e residente no Henrique Jorge.)
	102 (Mulher, 25 anos, relação estável, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-Ce, pais naturais de Fortaleza-CE, diarista e residente na Barra do Ceará.)	79 (Mulher, 25 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aurora-CE, dona de casa e residente no Cristo Redentor.)	82 (Mulher, 18 anos, solteira, escolaridades entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no Farias Brito.)

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	10 (Mulher, 34 anos, fortalezense, filha de pais cearenses (Capistrano), com escolaridade entre 0 a 4 anos, empregada doméstica e residente no bairro do Bom Jardim.)	16 (Mulher, 37 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Guaramiranga-CE, empregada doméstica e residente no Mondubim.)	34 (Mulher, 26 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, empregada doméstica e residente no bairro do Bom Jardim.)
	17 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pai natural de Maranguape-CE e mãe natural de Tamburi-CE, doméstica e residente no Santo Amaro.)	69 (Mulher, 34 anos, relação estável, escolaridade entre 5 a 8 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Carlito Pamplona.)	55 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Cristo Redentor.)
26 a 49 anos	31\ (Mulher, 38 anos, casada, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pai natural de Aquiraz-CE e mãe natural de Santa Quitéria-CE, prendas do lar e residente no Castelo.)	88 (Mulher, 27 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Capistrano-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, cabeleireira e residente no bairro Conjunto Ceará.)	63 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Cristo Redentor.)
	86 (Mulher, 47 anos, casada, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza, pai natural de Caucaia-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, dona de casa, e residente no Conjunto Ceará.)	90 (Mulher, 31 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza, empregada doméstica e residente no Mondubim.)	83 (Mulher, 46 anos, viúva, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Maracanáu-CE, costureira e residente no Farias Brito.)
	115 (Mulher, 31 anos, casada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, prendas do lar e residente no bairro Vila Manoel Sátiro.)	130 (Mulher, 39 anos, relação estável, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Redenção-CE, comerciante e residente no Rodolfo Teófilo.)	105 (Mulher, 38 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Acarape (Redenção)-CE e mãe de Fortaleza-CE, secretária escolar e residente no Jardim América.)

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA Acima de 50 anos	6 (Mulher, 60 anos, casada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais cearenses (local sem especificação), dona de casa e residente no Cristo Redentor.)	39 (Mulher, 52 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Tianguá-CE, dona de casa e residente no Antônio Bezerra.)	62 (Mulher, 50 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Guaiúba-CE, micro-empresária e residente na Cidade 2000)
	40 (Mulher, 55 anos, divorciada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aquiraz-CE, dona de casa e residente no Antônio Bezerra.)	48 (Mulher, 60 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, operadora de máquina e residente em Messejana.)	64 (Mulher, 51 anos, casada, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Quixadá-CE e mãe cearense (local sem especificação), dona de casa e residente na Cidade 2000.)
	57 (Mulher, 67 anos, viúva, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, dona de casa e residente no Jôquei Clube.)	53 (Mulher, 57 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Meruoca-CE, doméstica e residente no Parque Santa Rosa.)	66 (Mulher, 53 anos, casada, Escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE, artesã e residente no Demócrito Rocha.)
	126 (Mulher, 50 anos, casada, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pais naturais de Russas-CE, costureira e residente na Maraponga.)	128 (Mulher, 69 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, dona de casa e residente na Barra do Ceará.)	143 (Mulher, 53 anos, casada, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Aurora-CE e mãe natural de Cedro-CE, decoradora e residente na Parangaba.)

Fonte: NORPOFOR.

Partimos do pressuposto de que a variação linguística é influenciada por fatores de natureza linguística e extralinguística. Na pesquisa, em análise, destacaremos os fatores/variáveis que influenciam a alternância indicativo/subjuntivo e qual a relação do fenômeno em estudo com os fatores sociais como sexo, faixa etária e escolaridade.

5.4 Envelope da Variação

Essa pesquisa trata de um fenômeno variável que engloba duas variantes: os modos verbais Subjuntivo e Indicativo. Portanto, neste item, apresentaremos a delimitação da variável dependente e sua relação com as variáveis independentes formando, assim, uma base para a análise do objeto de estudo da nossa pesquisa.

5.4.1 Delimitação da variável dependente

Santos (2014) verifica, em sua pesquisa, se há casos em que o modo subjuntivo pode ser expresso ainda que se empreguem formas verbais do indicativo. O autor apresenta, embasado em Labov (2008), que o subjuntivo funciona como um “estereótipo” e é associado a noções de formalidade, escolarização e cuidado com a língua enquanto o indicativo, em condições previstas para o subjuntivo, está associado a noções de “erro”, informalidade e falta de escolarização.

Pimpão e Santos (2018) mostram que o indicativo foi bastante utilizado na fala de 44 florianopolitanos, 36 paulistas e 36 ludovicenses e que as frequências de usos foram 42%, 39% e 30%, respectivamente. Os autores supracitados mostraram que a variação entre as formas verbais é complexa e motivada por fatores linguísticos e sociais.

Santos (2014), ao comparar a fala de paulistanos e ludovicenses, comprovou a alternância de formas indicativas e subjuntivas em contextos nos quais ambas são possíveis e menciona o exemplo a seguir:

(17) É como pra gente *era/fosse* normal – oração adverbial.

Tanto Pimpão quanto Santos (2014) procuram verificar se o fenômeno de variação entre subjuntivo e indicativo configura um caso de variação estável ou trata-se de um processo de mudança em curso, o que, de acordo com a proposta laboviana, pode ser

verificado por meio de análise quantitativa das variantes em faixas etárias ou análise em tempo aparente ou ainda em tempo real quando se tratar de dois ou mais períodos.

Como supracitado, o ponto de partida dessa pesquisa é o uso da forma subjuntiva em alternância com o indicativo, em orações subordinadas adverbiais concessivas, cuja permuta não altere o significado referencial.

Partiremos do resultado da substituição modal das orações com o fito de verificar se as duas formas encontradas, no *corpus*, admitem a permuta e permanecem com o mesmo significado representacional para serem consideradas, assim, variantes de uma mesma variável. Como exemplo, citamos abaixo um recorte deste estudo ilustrando um caso de alternância subjuntivo/indicativo em contexto de orações concessivas.

(18) *...foi tudo normal não teve nenhuma coisa assim que passei por dificuldade quando eu nasci mesmo assim que eu era [fosse] novinho né...* (DID, NORPOFOR - Inquérito 23, homem, 21 anos)

Observamos que a troca efetuada não afeta o significado da informação que é o fato “*ele era novinho*” ou “*ele fosse novinho*” quando tudo ocorreu, dessa forma, permanecemos com o mesmo significado representacional, demonstrando assim, que a alternância do modo não altera o significado referencial da sentença, na oração concessiva supracitada. Portanto, a variável dependente é apresentada através de duas formas verbais: o subjuntivo e o indicativo.

5.4.2 Delimitação das variáveis independentes

Em similitude com a variável dependente, observamos as variáveis independentes de natureza linguística e variáveis de natureza social. Portanto, formamos dois grupos de condicionadores: os condicionadores sociais e os condicionadores linguísticos. Apresentaremos os condicionadores sociais que serão controlados na pesquisa: informantes, escolarização, faixa etária e sexo dos informantes.

Informante – Permitirá ter acesso aos dados observando-os e controlando-os de acordo com cada informante selecionado a ser entrevistado. Esses informantes são representativos da comunidade de fala a que pertencem. Na nossa pesquisa, esses informantes são representados por números no universo da amostra.

Sexo – Essa variável social é de extrema eficácia aos estudos sociolinguísticos quando apresenta relevância do sexo do falante em fenômenos de variação estável e de mudança linguística. Acreditamos que o controle dessa variável nos fará constatar, nessa pesquisa em destaque, como a variável dependente pode ser influenciada pelo sexo do falante/informante. Embora a tendência observada, na maioria dos trabalhos sobre variação, é que as mulheres optam por variantes de maior prestígio, mais que os homens. Muitos estudos atestaram, dentre eles o de Bortoni-Ricardo (1985) que as mulheres são, também, inovadoras e procuram, hoje, a paridade educacional e econômica com os homens. Freitag (2015) também lança seu ponto de vista:

[...] se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda, se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta do seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos de 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade. (Freitag, 2015, p.18)

Faixa etária – Temos aqui outra variável de muito valor para a Sociolinguística. Naro (2003) menciona que pesquisas sociolinguísticas constataram que falantes mais velhos utilizam as formas mais antigas enquanto os mais jovens tendem a inovar o repertório de fala. A hipótese para o controle dessa variável é de que as faixas etárias mais jovens favoreçam o uso do modo indicativo enquanto os adultos utilizam o subjuntivo. Labov (2001) menciona que o estudo da variação com base na noção de regra variável remete a dois construtos de ordem teórico metodológica: a variação em *tempo real* e em *tempo aparente*, pois vamos nos basear nas faixas etárias dos informantes com o foco de apresentar o convívio simultâneo dos diferentes estágios de mudança linguística numa comunidade assim como afirma Bagno (2017). Nessa pesquisa iremos nos deter no *tempo aparente*, pois ao postular que o estado atual da língua de um adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade, conforme Naro (1992), é relevante para a coleta de dados desta pesquisa que se dará por meio de diferentes faixas etárias, numa determinada amostra de dados, onde serão realizados diferentes recortes no tempo, daí a denominação “*aparente*”.

Escolaridade – O controle dessa variável nos possibilitará realizar o mapeamento quanto aos usos linguísticos, cuja pesquisa em construção se propõe a analisar, entre os informantes que possuem maior ou menor grau de escolaridade. Nossa hipótese se baseará apenas nas amostras da variedade popular da cidade de Fortaleza e serão

considerados três faixas de escolaridade:

I – 0 a 4 anos de estudo

II – 5 a 8 anos de estudo

III – 9 a 11 anos de estudo

Essas três faixas de escolaridade, supracitadas, resumem os anos de escolaridade da Educação Básica no Brasil distribuídos entre Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Quanto aos condicionadores linguísticos controlaremos os seguintes grupos: tipo de conjunção concessiva e tempo e modo verbal. Essa lista de condicionadores foi articulada com base nos trabalhos de: Pimpão (1999; 2012), Carvalho (2007), Salgado (2007), Baiocato (2017), Novo (2015), Menon (2007).

Tempo e modo verbal – Temos a necessidade de controlar essa variável devido ao fato de que a categoria verbal de tempo pode realizar alguma influência sobre os modos verbais. Portanto, essa variável será controlada em todas as orações concessivas analisadas nessa pesquisa, mas limitadas ao subjuntivo e indicativo.

Conectores concessivos – Essas conjunções mantêm relações semânticas com as orações subordinadas concessivas e podem influenciar na seleção das formas verbais dessas orações. Analisaremos as ocorrências, retiradas do *corpus*, com as conjunções e locuções concessivas: *que, embora, conquanto, apesar de que, ainda que, mesmo que, nem que, por mais que, conquanto, se bem que e por menos que*.

Ressaltamos que as variáveis linguísticas e sociais apresentadas e supracitadas nessa pesquisa podem ser revistas a partir da coleta e análise de dados, e assim, serem reformuladas no decorrer da pesquisa.

5.5 Análise Quantitativa: R Studio

Desde 1960, a Sociolinguística tem feito uso da Matemática e da Estatística, em si, como ferramentas para investigar, postular e quantificar resultados linguísticos, a partir de modelos experimentais, resultando em achados cada vez mais importantes sobre a linguagem.

Os estudos variacionistas têm utilizado, cada vez mais, os programas estatísticos tanto na preparação e tratamento dos dados quanto nas análises estatísticas.

Ultimamente, a comunidade acadêmica tem optado pelo software R Studio para controlar as análises estatísticas através da linguagem R. Esse programa, segundo Oushiro (2015, p. 52), “é uma linguagem de programação voltada à análise de dados que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar corpora, produzir lista de frequências, entre diversas outras tarefas”.

O programa em destaque funciona, inicialmente, com o processo de digitação e execução das linhas de comando que podem ser salvas para serem estudadas posteriormente. Segundo Oushiro (2015), o programa também permite a customização de tarefas em scripts/códigos criados pelos próprios usuários.

Portanto, nesta pesquisa, utilizaremos o programa R Studio desde a preparação e descrição dos arquivos de dados, organizados em scripts e com base na variáveis controladas nessa pesquisa, e da manipulação do corpus de 85 entrevistas sociolinguísticas esboçadas, também, através da elaboração de tabelas e gráficos, até as análises estatísticas, em si, como forma de compreendermos os fatores que condicionam o fenômeno variável em estudo.

5.6 A base da pesquisa descritiva sociolinguística em análise

Por saber da importância dos estudos descritivos do português, principalmente em estudos sociolinguísticos embasados em *corpus*, sentimos a necessidade de utilizar um *corpora* que contenha uma grande quantidade de dados sobre a comunidade de fala estudada, no caso dessa pesquisa, é a cidade de Fortaleza.

A base de dados sociolinguísticos, conhecida como Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR – apresenta dados relevantes sobre aspectos sócio-históricos e econômicos sobre a comunidade de fala de Fortaleza, de acordo com Araújo, Viana e Pereira (2020), assim como afirma Freitas, Martins e Tavares (2012), o linguista tem a necessidade de um boa quantidade de dados para a realização de sua pesquisa descritiva.

O projeto NORPOFOR, segundo as autoras Araújo, Viana e Pereira (2020), seguiu os procedimentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e possui um total de 196 informantes, estratificados de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante), tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre Dois Informantes – D2 e Elocução Formal – EF) e nível de escolaridade (nenhum a 4 anos, 5 a

8 anos e 9 a 11 anos). Vejamos, no Quadro 3, em anexo, de acordo com Araújo, Viana e Pereira (2020, p. 19), essa distribuição dos informantes do NORPOFOR.

Segundo Araújo (2011) - com dados extraídos do *Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE*, o NORPOFOR - obedeceu os seguintes critérios, na seleção dos 196 informantes, com o fito de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões:

- 1- O informante teria que ter nascido em Fortaleza ou no interior do Estado do Ceará, vindo morar na capital com, no máximo, cinco anos de idade;
- 2- Os falantes não poderiam ter se ausentado da cidade por mais de dois anos consecutivos;
- 3- Os informantes deveriam possuir pais cearenses e que os mesmos possuíssem residência fixa na capital cearense, na época da coleta de dados.

5.7 Do contato com os informantes

De acordo com Araújo, Viana e Pereira (2020), quando encontravam falantes que atendessem os critérios supracitados e às estratificações necessárias para a composição do corpus, os pesquisadores estabeleciam, com esse falantes, os primeiros contatos. O documentador fazia algumas perguntas aos informantes com o intuito de preencher uma ficha contendo informações sobre o perfil social dos entrevistados, no caso, os informantes. O intuito dessa entrevista era, prioritariamente, assegurar que o informante, realmente, atendia aos critérios de seleção para a pesquisa. Os documentadores tiveram o cuidado de evitar sobrepor suas falas às dos informantes e as perguntas não eram formuladas, previamente, mas no desenrolar da conversa natural com o informante. Os falantes eram instigados a falar de fatos sobre suas vidas que, de alguma forma, os tivessem marcado de forma positiva ou negativa. Esses cuidados, conforme Araújo (2011) foram tomados para evitar que ocorresse o chamado *paradoxo do observador* (Labov, 2008).

Para o não comprometimento da coleta do vernáculo e para evitar respostas curtas, os reais objetivos da entrevista, ou seja, coletar amostras de sua fala, não eram, inicialmente, revelados aos informantes. Sobre isso nos orienta Araújo (2017, p. 57):

[...]esclarecia-se, apenas, que a pesquisa estava sendo realizada em toda a cidade de Fortaleza com finalidade histórica e cultural, daí o interesse em conhecer, de cada um, a experiência pessoal, as lembranças relacionadas a fatos pessoais e históricos, os anseios, as preocupações, costumes locais, entre outros.

Ao término das gravações, Araújo (2011) explica que os entrevistados eram informados de que se tratava de uma pesquisa sobre o falar de Fortaleza e mencionava que a identidade dos falantes seria mantida em sigilo.

Haja vista o significativo número de pesquisas, a seriedade do projeto NORPOFOR e a relevância para os estudos da pesquisa Sociolinguística no Brasil, e, especificamente, na capital cearense, o adotamos como base dessa pesquisa em andamento, por isso, o fito, em detalhar as etapas do projeto, para colocarmos em relevância os dados que serão coletados no NORPOFOR.

5.8 Procedimento para análise de dados

A investigação aqui proposta faz parte de uma pesquisa descritiva e explicativa, tendo em vista que temos como preocupação central a descrição das características linguísticas dos informantes/falantes de Fortaleza, para uma análise da língua falada, identificando os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos linguísticos, o que caracteriza a adoção do método indutivo para a pesquisa.

A análise dos dados será elaborada de forma quantitativa e qualitativa e a coleta desses dados se dará através de análises de *corpus* retirados do NORPOFOR. Inicialmente, elegeremos 44 informantes do sexo masculino que tenham entre 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos e de 0 a 11 anos de escolarização. Da mesma forma, faremos com as 41 informantes do sexo feminino.

Após essa etapa, inicia-se a análise para verificarmos a alternância do Subjuntivo/Indicativo, em orações concessivas, na fala desses informantes. Posteriormente, verificaremos o motivo da alternância, se os informantes interiorizaram a estrutura verbal por contatos sociais ou por variáveis linguísticas influentes no posicionamento linguístico adotado pelo falante. Em função da quantidade de dados que obtivemos não testamos a regressão logística que será analisada em estudos posteriores.

6 ANÁLISE DOS DADOS DAS ORAÇÕES CONCESSIVAS

Em seções anteriores, como “ O fenômeno em estudo”, apresentadas nessa pesquisa, foram demonstrados os contextos, de acordo com a tradição, em que são possíveis as formas do indicativo e subjuntivo e, até mesmo, as formas alternantes. Discutimos, também, nesta seção supracitada, os grupos de fatores que se correlacionam aos empregos das formas indicativo/subjuntivo. Nesta presente seção, apresentaremos os resultados das análises quantitativas das 111 ocorrências, extraídas das 85 entrevistas (41 informantes do sexo feminino e 44 informantes do sexo masculino), da base de dados de língua falada do projeto NORPOFOR, no contexto de orações concessivas. Ressaltamos que devido a quantidade reduzida de dados não testamos a regressão logística. Exemplificando o supracitado, expomos abaixo orações retiradas do *corpus* em estudo que apresentam contextos de uso do subjuntivo, contextos de uso de indicativo e contextos que admitem alternância:

(19) ...OK...*ela vai praticando as mesmas coisas sempre por exemplo **mesmo que ela se gradoe e chegue até a faixa preta.*** [DID – NORPOFOR- inquérito 12, mulher, 23 anos, 5-8 anos de escolaridade]

(20) ... *vou conseguir ganhar mais dinheiro **se bem que eu não ligo [ligue] muito pra esse lado sabe?*** [DID – NORPOFOR - inquérito 54, homem, 33 anos, 5-8 anos de escolaridade]

(21) ... *aí começou a a... os juro a cair... né... às vezes **embora nós morávamos [morássemos] numa casa alugada tinha que pagar com esse dinheiro aí a gente ia tirar...*** [DID – NORPOFOR - inquérito 45, homem, 63 anos, 0-4 anos de escolaridade]

Os exemplos expostos nos expõem a certeza que o significado representacional da sentença não é comprometido quando ocorre a alternância entre subjuntivo e indicativo como no exposto nos exemplos 20 e 21.

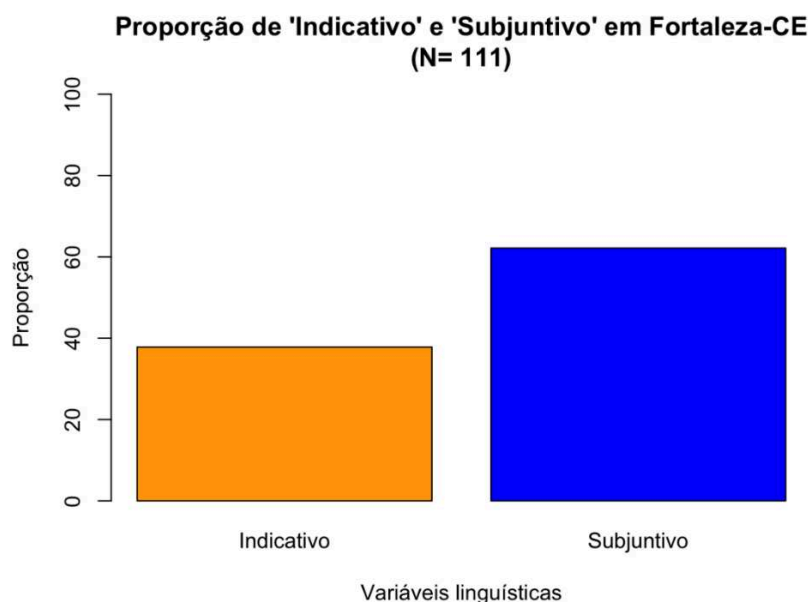
A análise quantitativa, realizada nesta pesquisa, trata da perspectiva de que possa ocorrer alternância entre subjuntivo/indicativo, já que o olhar aos dados se dá a partir dessa hipótese inicial com o fito de investigar quais fatores (linguísticos e extralinguísticos) são favoráveis para tal ocorrência/alternância.

Nas análises, cujos resultados são apresentados abaixo, além dos fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade), apresentados na seção 6.1, foram incluídos também os fatores

linguísticos (tempo e modo verbal, conjunções concessivas e a subcategorização das concessivas, à luz de Neves (2000)), apresentados na seção 6.2. Além de análises específicas, com o fito de verificarmos as subcategorizações das concessivas, como factual, contrafactual e eventual, assim como o tempo e modo verbal das orações principais e encaixadas nas devidas sentenças oracionais, verificamos, também, a correlação do exposto supracitado com a conjunção concessiva das devidas orações e com a modalidade expressa em cada estrutura oracional.

A tabela e o gráfico abaixo reiteram como as ocorrências das formas em foco (subjuntivo e indicativo) se distribuem na amostra do falar de Fortaleza, entre orações adverbiais concessivas.

Gráfico 1 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo - NORPORFOR – DID – em Fortaleza - CE



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 3 – Proporção Indicativo e Subjuntivo – NORPOFOR - DID

Dados Totais			
	Indicativo	Subjuntivo	Total
Frequência (contagem)	42	69	111
Proporção (porcentagem)	37.84	62.16	100%

Fonte: Elaborada pela autora

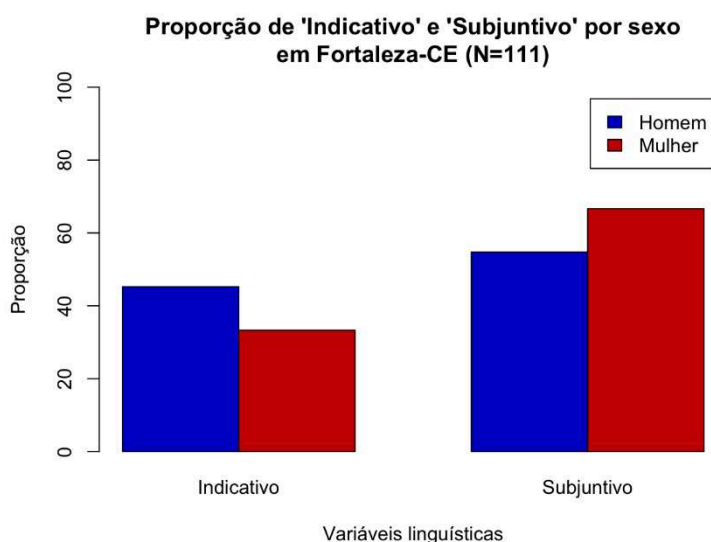
No geral, a tabela 3 e o gráfico 1, apresentados acima, mostram que o indicativo não é mais frequente que o subjuntivo, que representa mais de 62,16% das ocorrências em orações adverbiais analisadas no *corpus*, o que já era esperado tendo em vista a fala de Cunha e Cintra (2008) ao mencionar que o subjuntivo é o modo das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, mas a análise desses dados também quebra a conjuntura de que concessivas “exigem” o emprego do subjuntivo, pois tivemos 37.84%, ou seja, 42 ocorrências, em orações concessivas, com o uso do indicativo.

Santos (2003, p. 182-183 apud Sequeira, 1938, p. 284) mencionam sobre as concessivas “ as proposições concessivas trazem circunstâncias contrárias, mas não impeditivas do que se afirma na subordinante que, pelo contraste, fica até reforçado” os autores mencionam que, por isso, as concessivas deveriam ser passíveis de alternância modal conforme a concessão fosse real ou pressuposta.

6.1 Variáveis sociais

À frente, no gráfico 2 e na tabela 4, reiteramos a proporção por sexo distribuídas entre os modos indicativo e subjuntivo.

Gráfico 2 – Proporção Indicativo x Subjuntivo por SEXO – NORPOFOR - DID



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 4 – Porporção Indicativo x Subjuntivo – SEXO
– NORPOFOR –DID

SEXO	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Homem	19/42 45.24%	23/42 54,76%
Mulher	23/69 33.33%	46/69 66.67%
TOTAL	42/111	69/111

Fonte: Elaborado pela autora.

A variável “sexo” tem mostrado relevância de acordo com a literatura sociolinguística, principalmente, quando inserida em fenômenos de mudança linguística. De acordo com Labov (1972), as pesquisas revelam que as mulheres tendem a usar as variantes mais prestigiadas socialmente, sejam essas variantes padrão ou não-padrão, enquanto os homens tendem a escolher as variantes com menos prestígio social.

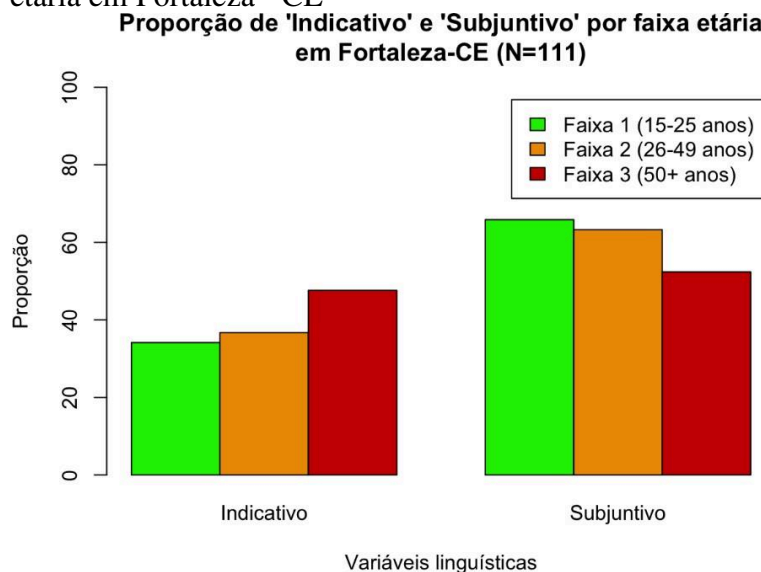
Dias (1970, p. 183-201) afirma que o modo indicativo é empregado “em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo”, ou seja, para o uso do indicativo não se exige o conhecimento rebuscado da língua, diferentemente do que ocorre no modo subjuntivo que requer contextos sintáticos específicos.

Paiva (1994) afirma a necessidade de um olhar cuidadoso acerca da variável “sexo” nos processos de mudança. Afirma também, que as mulheres tendem a liderar o processo de mudança quando se trata de implementar, na língua, a forma de prestígio.

Quanto aos resultados dos dados, apresentados no gráfico 2 e na tabela 4, indicam o gênero feminino como favorecedor do subjuntivo (66,67%), em detrimento do gênero masculino (54,76%), em outras palavras, o sexo feminino usa mais subjuntivo do que o sexo masculino na amostra em estudo.

Abaixo, no gráfico 3, tratamos de apresentar as proporções da faixa etária dos informantes da base de dados dessa pesquisa:

Gráfico 3 - Proporção de Indicativo e Subjuntivo por faixa etária em Fortaleza - CE



Fonte: Elaborada pela autora

No gráfico 3, observamos que todas as faixas etárias desenvolveram mais o subjuntivo do que o indicativo. Como algo inesperado, tivemos o maior destaque de uso do subjuntivo, na amostra selecionada, para a faixa 1 (15 a 25 anos), pessoas mais jovens em posse de uso do subjuntivo.

Tabela 5 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo – FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR - DID

FAIXA ETÁRIA	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
1 – (15 A 25 anos)	14/41 34.58%	27/41 65.85%
2 – (26 A 49 anos)	18/49 36.73%	31/49 63.27%
3 – (50 OU + anos)	10/21 47.62%	11/21 52.38%
TOTAL	42/111	69/111

Fonte: Elaborada pela autora

A análise da variável “faixa etária” permite-nos observar a relação de estabilidade do fenômeno ou a existência de mudanças linguísticas, o que é de suma importância para a nossa pesquisa. Segundo Labov (1981, p. 185),

Nenhum dos fatores sociais pode ser tomado como distintivo ou auto-suficiente para identificar a presença ou ausência de uma mudança em progresso. Mas na

combinação com outros fatores e a distribuição etária, eles podem ser úteis para resolver inevitáveis ambiguidades de estudos que não têm nenhum suporte de tempo real.

Com relação à variável, nos dados apresentados para análise, os falantes mais jovens conservam mais a forma subjuntiva em sua fala do que os falantes de 50 anos ou mais e falantes de 26 a 49 anos. Naro (2003) explica que as pesquisas sociolinguísticas indicam que os falantes mais velhos tendem a preservar as formas mais antigas enquanto os mais jovens tendem a inovar.

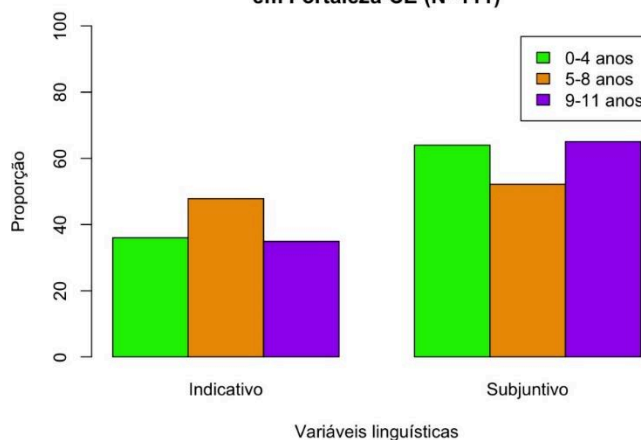
A hipótese, proposta nesta pesquisa, para a variável “faixa etária”, é de que falantes mais jovens empreguem mais o modo indicativo em comparação aos mais velhos que usariam mais o modo subjuntivo, principalmente, nos contextos linguísticos onde ambos os falantes pudessem optar pelo indicativo ou subjuntivo nas situações apresentadas pela gramática tradicional, mas obtivemos resultado contrário ao esperado, o que nos mostra uma mudança na língua, possivelmente, ou esses jovens estão na escola, em contato com normas e gêneros formais, o que pode ter influenciado nos resultados. É notório que devemos esperar, a partir dos dados coletados e expostos nessa pesquisa, falantes mais jovens mantendo o uso do subjuntivo, em orações concessivas, porque decidiram estudar as regras gramaticais até mesmo antes do tempo estimado ou simplesmente podem ter mentalizado o uso dessas formas de fala (subjuntivo) pelo escutar ou pela convivência com outras pessoas que utilizam tal fala ou, até mesmo, pelo contato com normas e gêneros formais na escola.

Em anexo à dissertação, temos a tabela de frequência por idade como auxílio quando tratamos da variável “faixa etária” com o fito de complementarmos com a idade específica de cada informante e o que cada um optou na construção das orações em suas falas. Apresentamos, em anexo, esses detalhes, em forma de frequência e de proporção, para uma melhor análise futura.

Logo abaixo, tratamos, no gráfico 4 e tabela 6, de apresentar a proporção de indicativo e subjuntivo por escolaridade do informante:

Gráfico 4 - Proporção de Indicativo e Subjuntivo por anos de escolaridade em Fortaleza – CE

Proporção de 'Indicativo' e 'Subjuntivo' por anos de escolaridade em Fortaleza-CE (N=111)



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 6 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo – ESCOLARIDADE – NORPOFOR -DID

ESCOLARIDADE	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
0 – 4 anos	9/25 36.00%	16/25 64.00%
5 – 8 anos	11/23 47.83%	12/23 52.17%
9 – 11 anos	22/63 34.92%	41/63 65.08%
TOTAL	42/111	69/111

Fonte: Elaborada pela autora

Para a análise desse grupo de fatores partimos da hipótese inicial desta pesquisa de que o fenômeno em estudo é sensível a fatores externos como o da escolaridade. Prevíamos, em hipóteses iniciais, que quanto maior o nível de escolaridade do falante maior seria a probabilidade de uso do subjuntivo, tendo em vista, que os falantes que tiveram mais acesso ao ensino formal tendem a usar mais o subjuntivo, já que se trata de um modo verbal mais rebuscado, do ponto de vista estrutural e sintático-semântico, de acordo com Câmara (1979).

A análise desse grupo de fatores apresentou resultados diferentes do esperado e apresentado por Câmara (1979) não mostra essa intrínseca relação entre a influência da escola e a fala do indivíduo. Observamos que informantes com 0 a 4 anos de escolaridade utilizam bem mais o subjuntivo que, até mesmo, os que têm de 5 a 8 anos de escolaridade e, ainda, apresentam-se quase nivelados com os informantes que têm de 9 a 11 anos de

escolaridade. O exposto nos evidencia, que a escolarização, nessa análise de dados, não exerce controle sobre esse fenômeno, ou seja, não existe correlação entre anos de escolarização e o uso do subjuntivo na amostra de fala de Fortaleza em estudo. Para entendermos melhor o exposto, anteriormente, apresentamos, a seguir, as 16 ocorrências em que foi utilizado o subjuntivo, com informantes de 0 a 4 anos de escolaridade, para melhor compreensão da análise dos dados:

(22) ...*Um coronel? Antigamente () coronel (se o coronel **dissesse** tinha que ser aquilo) embora que ele **tivesse** errado...*(DID – NORPOFOR - Inquérito 6, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 3, 60 anos).

(23) ...*se o coronel **dissesse** tinha que ser aquilo . embora ele **estivesse** errado e a gente estivesse certo mas a errada era a gente... e eles é quem era certo.* (DID – NORPOFOR - Inquérito 6, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 3, 60 anos).

(24) ... *e porque homem é assim quando... por mais que ela **teja** sustentando... ele inda quer mandar ele nunca quer deixa de/de manda ele nunca...*” (DID – NORPOFOR - Inquérito 10, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 2, 34 anos).

(25) ... *ele **olhou** do céu... para a terra... e não achou... nenhum justo sequer... nenhum homem por mais que ele **tivesse** a sua riqueza... nenhum homem que tivesse a suas formaturas...* (DID – NORPOFOR – Inquérito 22, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 25 anos).

(26) ... *mas aí o pessoal **ia** embora assim embora as que eu... **namorei** aí:.. nunca deu certo por causa disso mas... se elas se tivesse ficado por aqui: né tinha dado certo...*(DID – NORPOFOR – Inquérito 23, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 21 anos).

(27) ... *aí eu **acredito** que sim né que que **acho** que: eu com certeza de um jeito ou de outro ele vai me levar para lá nem que seja ... ele arranque uma perna minha ...* (DID – NORPOFOR – Inquérito 23, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 21 anos).

(28) ... *é porque ele não pode cara... mesmo que ele **seja** reeleito...tá certo... ele não **pode** se... ele não pode se eleger porque ele tá impedido... sabia dessa não?* (DID – NORPOFOR – Inquérito 30, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos).

(29) ... depois **dava** um jeito nem que fosse um terreno (numa coisa) para meus filhos... (DID – NORPOFOR – Inquérito 40, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 3, 55 anos).

(30) Mas mesmo que ele **tivesse** me chamado eu não **ia** não oh. (DID – NORPOFOR – Inquérito 86, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 2, 47 anos).

(31) ... no dia que eu **vê** ela conversando com algum na esquina ali que eu vejo... que não é amizade de coleginho... mesmo que seja eu vou ter que ir atrás pra saber... e o menino é do mesmo jeito... tem que ir atrás pra saber com quem é que ele anda... com quem é que ele tá... o que que ele tá fazendo. (DID – NORPOFOR – Inquérito 86, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 2, 47 anos).

(32) ...na segunda semana já **começa** a fazer cara feia começa piadinhas indiretas então por mais que fosse um barraquinho de plástico mas é seu é diferente de você morar com alguém... (DID – NORPOFOR – Inquérito 102, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 25 anos).

(33) ... **começa** as piadinhas ... nem que fosse um barraquinho de plástico mas é seu é diferente de você morar com alguém... (DID – NORPOFOR – Inquérito 102, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 25 anos).

(34) eu **era** católica né eu era católica de () mesmo que você me **falasse** assim de... de... ser evangélica você... já dizia que... você... eu dizia... eu dizia assim porque a minha... vó que mora lá no Montese minha vó do meu pai ela... era evangélica toda vida.” (DID – NORPOFOR – Inquérito 115, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 2, 31 anos).

(35) ...**esteja** preso - por mais que seja mas você está preso por aquilo que você está por aquilo que você fez ali dentro de uma prisão...(DID – NORPOFOR – Inquérito 150, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos).

(36) ...a vida é uma coisa muito bela é mesmo que você **esteja** você cometeu um crime... (DID – NORPOFOR – Inquérito 150, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos).

(37) ...não **dá** por mais que você **tente** não dá você drogado não tem condições de aprender nada então eu eu até porque a droga ela quando ela entra na vida do homem... (DID – NORPOFOR – Inquérito 150, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos).

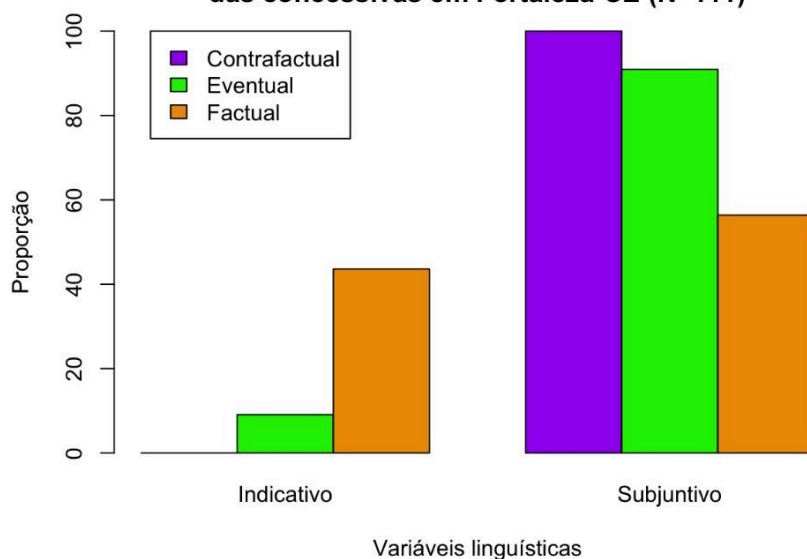
Na tabela anterior, observamos o uso do subjuntivo em 64% dos dados analisados, na variável “escolaridade” o que corresponde às 16 ocorrências, supracitadas, de 25 dados encontrados em informantes com escolaridade de 0 a 4 anos, ou seja, informantes que não tiveram acesso ou tiveram poquíssimo acesso à escolaridade. Esses resultados muito se assemelham aos encontrados por Carvalho (2007), em outro contexto de análise, para o português falado no Cariri cearense onde os falantes sem escolaridade e com escolaridade de 9-11 anos de escolarização apresentaram o mesmo percentual de uso do subjuntivo.

Portanto, o resultado da variável escolaridade, apresenta o subjuntivo como preferencial entre os usos, na língua falada de Fortaleza, por falantes com baixa ou nenhuma escolaridade.

6.2 Variáveis linguísticas

No gráfico 5 e tabela 7, elaboramos a proporção de subjuntivo e indicativo por subcategorização das concessivas em factual, contrafactual e eventual conforme expomos abaixo:

Gráfico 5 - Proporção Indicativo e Subjuntivo por subcategorização das concessivas – NORPOFOR – DID
Proporção de 'Indicativo' e 'Subjuntivo' por subcategorização das concessivas em Fortaleza-CE (N=111)



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 7 – Proporção Indicativo e Subjuntivo por subcategorização das concessivas –NORPOFOR - DID

SUBCATEGORIZAÇÃO DAS CONCESSIVAS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Contrafactuais	0/6 0.00%	6/6 100.0%
Eventuais	1/11 9.09%	10/11 90.91%
Factual	41/94 43.62%	53/94 56.38%
TOTAL	42/111	69/111

Fonte: Elaborada pela autora

Os dados em análise para a variável linguística “subcategorização das orações concessivas”, nos apresentam que a maioria dos informantes utilizou orações factuais com o predomínio do subjuntivo nessas orações encaixadas (56,38%), já nas contrafactuais obtivemos 100% de uso do subjuntivo e nas eventuais 90,91% de uso do subjuntivo.

De acordo com Neves (2000), as orações concessivas factuais podem ser constituídas com o subjuntivo e com o indicativo, a depender do conectivo em uso e do tempo exposto nessa factualidade (presente típico (uso do tempo presente tanto na oração principal quanto na oração concessiva), futuridade, presente ou passado). Segundo a autora, as contrafactuais devem ser constituídas apenas de subjuntivo, a depender do tempo (presente, passado ou pretérito imperfeito do subjuntivo) e não vir com o conectivo *embora*. E por último, as eventuais que devem vir no subjuntivo (presente ou pretérito imperfeito do subjuntivo), o conteúdo da oração principal deve ser verdadeiro, mas o da concessiva pode ser verdadeiro ou falso. Exemplificamos, abaixo, cada subcategorização, as factuais, as contrafactuais e as eventuais, respectivamente, com dados retirados do *corpus* NORPOFOR:

- Factuais: (38) *...eu pedi a Nossa Senhora que nunca mandasse um comprador para ela... mesmo que a gente quisesse vender não... vendesse não...* [DID – NORPOFOR - Inquérito 40, mulher, 55 anos, faixa etária 3 , 0 a 4 anos de escolaridade].
- Contrafactuais: (39) *...ele olhou do céu... para a terra... e não achou... nenhum justo sequer... nenhum homem por mais que ele tivesse a sua riqueza... nenhum homem que tivesse a suas formaturas...* [DID – NORPOFOR - Inquérito 22, homem, 25 anos, faixa etária 1, 0 a 4 anos de

escolaridade]

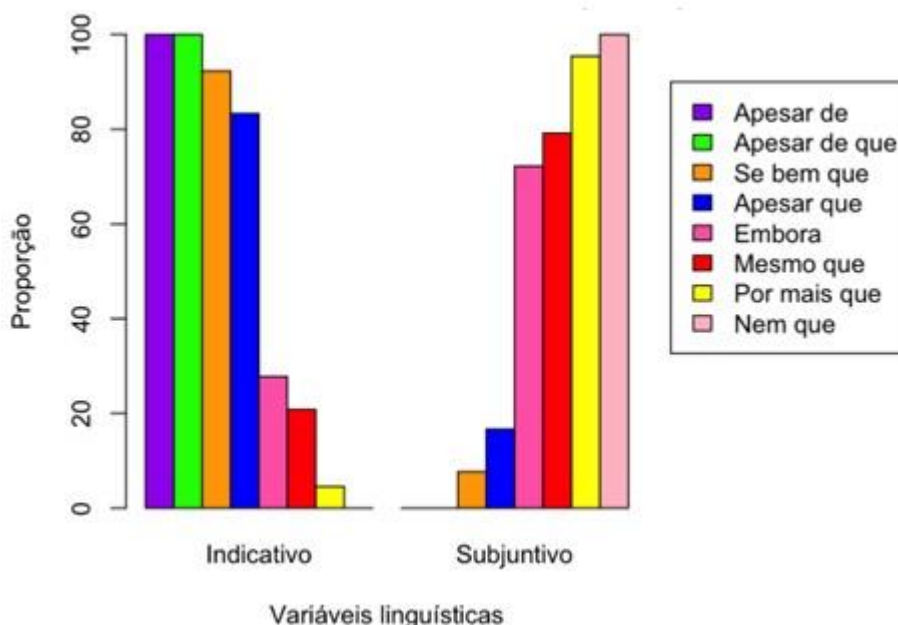
- Eventuais: (40) *...nem que eu tenha que trabalhar em casa de família até eu conseguir até terminar mas... se for pela vontade de Deus será como Deus quiser e eu pretendo é cursar um curso éh:: secretariado né? pretendo fazer secretariado...*
[DID – NORPOFOR - Inquérito 34, mulher, 26 anos, faixa etária 2, 9 a 11 anos de escolaridade]

Para Neves (2000), as orações concessivas estão encaixadas na interação linguística e a ideia da contra-expectativa, característica das concessivas, “se origina não apenas do conteúdo que está sendo dito, mas ainda do processo comunicativo e da relação falante – ouvinte” (Neves, 2000, p. 864).

O exposto explica o resultado obtido na análise de dados dessa variável linguística, mas também lança uma curiosidade para os 9,09% de dados no indicativo, na subcategorização eventual. Acreditamos no que diz Oliveira (2003), que não existe uma correspondência unívoca entre os modos indicativo e subjuntivo e que cada um pode associar-se a mais de uma modalidade. Da forma que o subjuntivo é considerado como o modo da incerteza, da eventualidade ou dúvida, pode surgir em orações que esperaríamos o indicativo e vice-versa.

Abaixo, temos o gráfico 6 com as informações sobre as conjunções concessivas. Os conectivos concessivos foram limitados aos encontrados na amostra.

Gráfico 6 - Proporção de Indicativo e Subjuntivo por tipo de CONJUNÇÃO CONCESSIVA – NORPOFOR - DID



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 8 – Proporção de Indicativo e Subjuntivo por tipo de CONJUNÇÃO CONCESSIVA –NORPOFOR – DID

CONJUNÇÕES CONCESSIVAS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
Apesar de	10/10 100.00%	0/10 0.00%
Apesar de que	4/4 100.00%	0/4 0.00%
Apesar que	5/6 83.33%	1/6 16.67%
Se bem que	12/13 92.31%	1/13 7.69%
Embora	5/18 27.78%	13/18 72.22%
Mesmo que	5/24 20.83%	19/24 79.1%
Por mais que	1/22 4.55%	21/22 95.45%
Nem que	0/14 0.00%	14/14 100%
TOTAL	42/111	69/111

Fonte: Elaborada pela autora

A variável linguística “tipo de conjunções concessivas” constitui um parâmetro importante no processo de variação para que possamos compreender até mesmo as orações que inserem essas conjunções. Das conjunções concessivas, os resultados indicam 69 ocorrências de modo subjuntivo e 42 ocorrências de modo indicativo num total de 111 ocorrências. Então, observamos que os conectivos “apesar de”, “apesar de que”, “apesar que” e “se bem que” estão associados ao uso do indicativo enquanto os conectivos “embora”, “mesmo que”, “por mais que” e “nem que” estão associados ao uso do subjuntivo. Esse resultado sugere o uso um pouco mais produtivo do subjuntivo, na amostra, para análise de dados.

Uma análise mais refinada, considerando o conector concessivo, revela um processo de variação a depender do próprio conector. Como exemplo temos o “mesmo que” que das 24 ocorrências apresenta uso do indicativo e do subjuntivo, assim como os conectivos “apesar que”, “se bem que”, “embora” e “por mais que”. Ao contrário, as ocorrências “apesar de”, “apesar de que” só apresentam usos do indicativo enquanto “nem que” só apresenta ocorrências no subjuntivo. Exemplificações desses conectivos nas orações retiradas do *corpus* em análise:

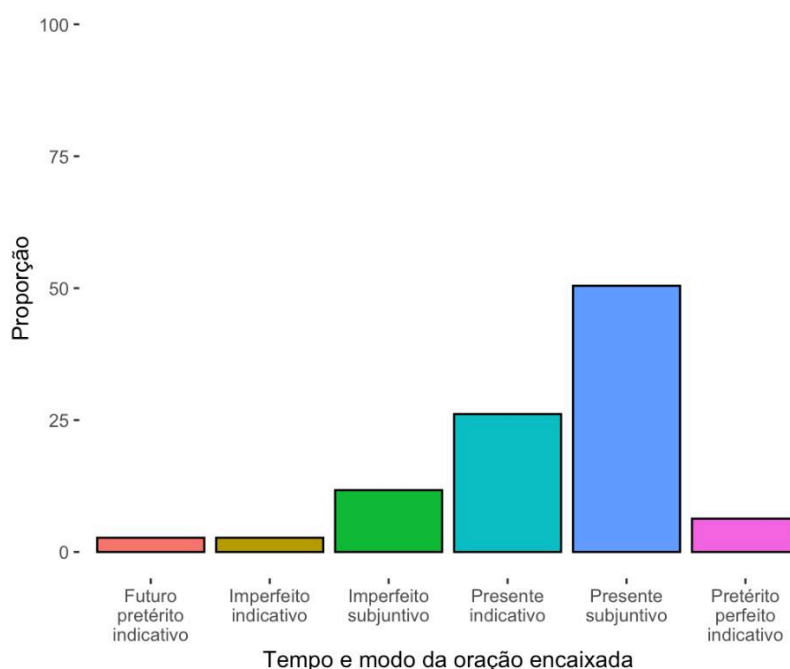
- (41) ... apesar dos pesares pessoal... de Pirambu é... é perigoso...Pirambu é que graças a Deus... comigo nunca aconteceu nada. (DID – NORPOFOR – Inquérito 26, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 3, 73 anos.)
- (42) ... mais corrupção vai existir ... apesar de que **existe**... nós tá vendo hoje... grandes corrupções funcionárias né? (DID – NORPOFOR – Inquérito 61, homem, 5-8 anos de escolaridade, faixa etária 3, 63 anos.)
- (43) ...apesar que eu tenho muito medo de falar porque... as vezes eu **tenho** medo de falar errado tá entendendo...pelo pouco estudo que eu tenho...ai eu tenho medo de falar... (DID – NORPOFOR – Inquérito 33, mulher, 5-8 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos.)
- (44) ...ora mais...é porque o telefone se bem que eu **acho** até bom não ter geladeira sabe por que?(DID – NORPOFOR – Inquérito 16, mulher, 5-8 anos de escolaridade, faixa etária 2, 37 anos.)
- (45) ...mas ai o pessoal ia embora assim () embora as que eu... **namorei** ai... nunca deu certo por causa disso mas... se elas se tivesse ficado por aqui, né tinha dado certo. (DID – NORPOFOR – Inquérito 23, homem, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 21 anos.)
- (46) ...e você tendo educação mesmo que você não **tenha** uma profissão mas você sabe o que é certo o que é errado...e você sabe se defender.. (DID – NORPOFOR – Inquérito 29, homem, 5-8 anos de escolaridade, faixa etária 2, 34 anos.)
- (47) ...eu acho que são bons porque...é...por mais que **ah são** muito resumidos não sei o quê, mas acho que são bons porque ele vem... (DID – NORPOFOR – Inquérito 12, mulher, 5-8 anos de escolaridade, faixa etária 1, 23 anos.)
- (48) ...começa as piadinhas... nem que fosse um barraquinho de plástico de plástico mas é seu é diferente de você morar com alguém... (DID – NORPOFOR – Inquérito 102, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 1, 25 anos.)

Como resposta a alguns dados da amostra, nos atentamos ao que Wherritt (1977) menciona quanto ao comportamento diferenciado das conjunções concessivas e ao emprego do modo verbal, como as conjunções “apesar de que” e “se bem que”, que constituem um contexto propício ao uso do indicativo enquanto o “embora” e “mesmo que” têm contexto preferencial do subjuntivo.

Dessa forma, Perini (2010, p. 195; 207) menciona que o verbo da oração subordinada é governado por algum item presente na oração principal (verbo, preposição, conjunção ou um nominal), isso demonstra a importância dos conectivos na indicação dos modos ou até mesmo como explicativo para as alternâncias indicativo, subjuntivo.

Abaixo, apresentamos a relação da variável tempo e modo verbal da oração encaixada para realizarmos as comparações e verificarmos se as maiores incidências ocorreram no subjuntivo ou no indicativo. O gráfico 7, abaixo, traz a representação da proporção da variável tempo e modo verbal.

Gráfico 7 – Proporção da variável tempo e modo verbal.



Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 9 – Proporção da variável tempo e modo na oração encaixada – NORPOFOR – DID

TEMPO E MODO – ORAÇÃO ENCAIXADA	PROPORÇÃO
fut.pret.ind	3/111 2.70%
imper.ind	3/111 2.70%
imper.subj	13/111 11.71%
pres.ind	29/111 26.13%
pres.subj	56/111

	50.45%
pret.perf.ind	7/111
	6.31%

Fonte: Elaborada pela autora

Observamos que das 111 ocorrências analisadas obtivemos 56 ocorrências no presente do subjuntivo (50.45%) e 13 ocorrências no imperfeito do subjuntivo (11,71%) totalizando assim 69 (62,16%) ocorrências no modo supracitado, ou seja, mais da metade das ocorrências analisadas na variável tempo e modo verbal verificaram o uso do subjuntivo, já para o indicativo obtivemos 3 ocorrências no futuro do pretérito do indicativo (2,70 %), 3 ocorrências no imperfeito do indicativo (2,70%), 29 ocorrências no presente do indicativo (26,13%) e 7 ocorrências no pretérito perfeito do indicativo (6,31%), totalizando assim, 42 ocorrências no modo indicativo (37,84%), fato esse, que nos leva a acreditar que para essa análise, retirada do corpus NORPOFOR, o uso predominante é o subjuntivo por meio de alternâncias ou não consoante à modalidade que regula a asserção.

Mateus (1931) menciona que o modo conjuntivo/subjuntivo pode surgir em orações simples e coordenadas, mas sobretudo em construções de subordinação e que verbos como *aconselhar, compreender, duvidar, esperar, lamentar, pedir, querer, solicitar e temer* selecionam o conjuntivo, assim como os verbos de expectativa e o verbo *esperar* e os verbos factivos como *lamentar* ou de atitude emocional.

De acordo com Mateus (1931), consoante à modalidade, há orações concessivas factuais, hipotéticas e contrafactuais. As factuais exprimem, de acordo com a autora, a ocorrência de uma situação inesperada relativamente à outra tendo em conta o nosso conhecimento sobre os acontecimentos no mundo ou ainda a existência de uma situação que não ocorreu conforme às expectativas de um indivíduo. As contrafactuais apresentam contrafactualidade visível se o enunciado for apresentado com uma oração que nega o conteúdo proposicional da oração concessiva. As hipotéticas apresentam sentidos simultaneamente contrastivo e condicional.

As concessivas factuais, de acordo com a autora supracitada, quando ligadas pelos conectores concessivos *embora, conquanto, ainda que, posto que, (se) bem que, apesar de que, apesar de*, os tempos e os modos utilizados são:

1. Em enunciados factuais no passado usa-se o imperfeito do conjuntivo na oração concessiva.

(49) ... *um coronel? Antigamente coronel (se o coronel dissesse tinha que ser aquilo) embora que ele **tivesse** errado.* (DID – NORPOFOR – Inquérito 6, mulher, 0-4 anos de escolaridade, faixa etária 3, 60 anos)

2. Em enunciados factuais no presente usa-se o presente do conjuntivo na oração concessiva.

(50) ... *a pessoa vai ficar com o restante embora seja um dinheiro que ninguém quer ” por que custou o quê?* DID – NORPOFOR – Inquérito 62, mulher, 9-11 anos de escolaridade, faixa etária 3, 50 anos)

3. Com o conector *apesar de*, na oração concessiva, usa-se o infinitivo flexionado.

(51) ... *eu acho assim super bom...sabe...porque apesar de a gente **está** assim com a justiça ...*(DID – NORPOFOR – Inquérito 82, mulher, 9-11 anos de escolaridade, faixa etária 1, 18 anos)

As orações concessivas hipotéticas são representadas tipicamente pelos conectores *mesmo que* e *mesmo se* por terem um sentido contrastivo e condicional e com o verbo da oração concessiva no presente do conjuntivo.

(52) ... *eu tento mesmo que eu não **alcance** esses sonhos né, mas...* (DID – NORPOFOR – Inquérito 105, mulher, 9-11 anos de escolaridade, faixa etária 2, 38 anos)

As contrafactuais, conforme Mateus (1931), são de típicas construções com os conectivos *mesmo que* e *mesmo se* quando se emprega o mais-que-perfeito do subjuntivo. Não tivemos nenhuma ocorrência com esse conectivo representando contrafactualidade.

De acordo com Neves (2000), as orações concessivas factuais (oração principal e oração concessiva devem ser verdadeiras para que a asserção global seja verdadeira) podem ser constituídas com o subjuntivo e com o indicativo, a depender do conectivo em uso e do tempo exposto nessa factualidade (presente típico, futuridade, presente ou passado). As contrafactuais (a oração principal e a concessiva devem ser não – verdadeiras para que a asserção verbal seja não-verdadeira) devem ser constituídas apenas de subjuntivo, a

dependem do tempo (presente, passado ou pretérito imperfeito do subjuntivo) e não vir com o conectivo *embora*. E por último, as eventuais que devem vir no subjuntivo (presente ou pretérito imperfeito do subjuntivo), nessas concessivas o conteúdo da oração principal deve ser verdadeiro, mas o da concessiva pode ser verdadeiro ou falso para que exista uma incerteza epistêmica sobre a eventual ocorrência do conteúdo proposicional da concessiva. As exemplificações, de acordo com o exposto por Neves (2000), encontra-se na seção da análise de dados dessa dissertação quando tratamos da subcategorização das concessivas exibida na tabela 7.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de entender a alternância do indicativo/subjuntivo, em contexto de concessivas, no falar de Fortaleza, constitui a motivação central para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Na busca desse objetivo, percorremos o seguinte trajeto: iniciamos com a apresentação de alguns estudos descritivos com o fito de entendermos como alguns autores tratam a questão da alternância; em seguida, verificamos os pressupostos da Teoria da variação e mudança linguística, proposta por Labov (1978) como a teoria que fundamenta a nossa pesquisa. Tratamos do estudo da Linguagem de acordo com os estudos sociolinguísticos de orientação laboviana centrados na diversidade do uso da língua, os princípios empíricos da mudança; a importância dos fatores sociais na mudança linguística, as variáveis e as variantes.

No capítulo intitulado “Fenômenos em estudo”, focamos nas orações concessivas e explicamos a alternância subjuntivo/indicativo discutindo conceitos sobre a noção da “certeza” para o indicativo e da “incerteza” para o subjuntivo, assim como, a questão das orações subordinadas adverbiais concessivas e a subcategorização das concessivas, à luz de Neves (2000).

Em seguida, tratamos a alternância sobre o viés da Teoria Variacionista discutindo conceitos sobre a relação comunicativa entre falante e ouvinte com base na gramática emergente no discurso. Citamos a questão da modalidade para compreendermos melhor muitos contextos comunicativos que envolvem os modos subjuntivo e indicativo e, ainda, a subcategorização das concessivas. Apresentamos algumas considerações teóricas sobre tempo e modo verbal que nos serviram de base para a análise e codificação dos dados.

Partimos do pressuposto de que a variação linguística é influenciada por fatores de natureza linguística e extralinguística, dessa forma, criamos o “Envelope de variação” no qual apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes.

Em linhas gerais, o subjuntivo configurou-se como predominante ao codificar noções de incerteza, dúvida e hipótese. Os resultados também apontam que tanto a seleção do subjuntivo quanto do indicativo envolve a atuação de grupos importantes como: tempo e modo verbal, a subcategorização das concessivas, os conectores concessivos e a modalidade. Acreditamos que há forças sintático-semânticas que regem o fenômeno da alternância.

A análise com os dados das variáveis sociais (escolaridade, faixa etária e sexo) nos mostra a sobreposição do subjuntivo ao indicativo em ambas as variantes analisadas. Os falantes que mais usaram o subjuntivo são os menos escolarizados. Falantes com 0 a 4 anos de escolaridade favorecem o uso do subjuntivo mais que os falantes de 5 a 8 anos de escolaridade.

Com relação à “faixa etária”, os falantes de 15 a 25 anos conservam mais a forma subjuntiva do que falantes de 26 a 49 anos e até mesmo de 50 anos ou mais.

A variável “sexo”, quanto aos resultados dos dados, indica o gênero feminino (66,67%) como favorecedor do subjuntivo em detrimento de gênero masculino (54,76%) nesses ambientes de variação.

Os dados em análise, para a variável linguística “subcategorização das orações concessivas”, apresentam-nos que a maioria dos informantes utilizou orações factuais com 56,38% de uso do subjuntivo, nessas orações encaixadas, e com 43,62% de ocorrências utilizando o indicativo o que nos apresenta um contexto de alternância modal com maior entrada do subjuntivo; já nas contrafactuais obtivemos 100% de uso do subjuntivo e nas eventuais 90,91% de uso do subjuntivo.

Quanto às conjunções concessivas, um parâmetro importante no processo de variação, para que possamos compreender essa pesquisa, aponta para o resultado dos dados: há 69 ocorrências de modo subjuntivo e 42 ocorrências de modo indicativo num total de 111 ocorrências. Esse resultado sugere o uso um pouco mais produtivo do subjuntivo, na amostra, para análise de dados. Observamos, atentamente, o “mesmo que” que das 24 ocorrências 19 (79,1%) apresentam uso do indicativo e 5 ocorrências (20,83%) no subjuntivo, assim como os conectivos “apesar que”, com 16,67% de ocorrências no subjuntivo e 83,33% no indicativo, “se bem que”, com 7,69% de ocorrências no subjuntivo e 92,31% no indicativo, “embora” com 72,22% de ocorrências no subjuntivo e 27,78% no indicativo, “mesmo que”, com 79,1% de ocorrências no subjuntivo e 20,83% no indicativo, e “por mais que” com 95,45% de ocorrências no subjuntivo e 4,55% no indicativo. Ao contrário, as ocorrências com os conectores “apesar de” com 100,00% de uso com o indicativo, “apesar de que” com 100,00% de uso com o indicativo, só apresentam usos do indicativo enquanto “nem que” só apresenta ocorrências no subjuntivo (100,00%). Observamos, então, que não tivemos alternância modal quanto aos conectivos concessivos.

Quanto à variável tempo e modo verbal pudemos observar a predominância do subjuntivo na análise em evidência. Das 111 ocorrências analisadas obtivemos 56

ocorrências no modo subjuntivo e 49 ocorrências no modo indicativo. A predominância do subjuntivo, nas ocorrências analisadas, já era previsto, levando em consideração que o subjuntivo é considerado o modo predominante das orações subordinadas, de acordo com a literatura mas o fato de termos 49 ocorrências com o indicativo, nas orações subordinadas, nos leva a acreditar que a seleção do subjuntivo e do indicativo envolve a atuação de grupos de fatores importantes: o grupo da subcategorização das concessivas e o grupo das conjunções concessivas. De acordo com Mateus (1931), consoante à modalidade, há orações concessivas factuais, hipotéticas e contrafactuais.

De acordo com os dados relatados e evidenciados nessa análise de dados, acreditamos na evidência que o subjuntivo é predominante na fala de Fortaleza, de acordo com os dados encontrados nessa pesquisa, fato esse ocorrido por alternância ou não em decorrência do uso da modalidade ou não que, conforme Mateus (1931), do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes.

Em linhas gerais, os resultados dessa análise de dados nos autorizam a constatar que o uso do subjuntivo, no português popular de Fortaleza, em contextos de orações concessivas, não está condicionado ao ensino-aprendizagem formal já que obtivemos ocorrências, com informantes de 0 – 4 anos de escolaridade, com 64,00% de ocorrências no subjuntivo e este modo, analisado pela tradição gramatical, como o modo de conhecimento rebuscado da língua. Fatores como a subcategorização das concessivas e seus devidos conectores em consonância com a modalidade influenciam o uso do subjuntivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. S. de. **Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX.** Rio de Janeiro, 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- AMORIM, V. R. S.; SOUSA, V. V.; SILVA, J. A. A. da. A estratificação do subjuntivo: um processo de gramaticalização no português popular da cidade de Vitória da Conquista (BA). **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 63 – Supl.: Anais da X CNLF, p. 97-115, set./dez. 2015.
- AMORIM, V. R. S. **A gramaticalização do subjuntivo: um estudo do português popular.** 2015. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE.** 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2020.
- ARAÚJO, A. A. O projeto norma oral do português popular de fortaleza – NORPOFOR. *In: X Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: 2011. p. 835 - 845.
- ARAÚJO, A. A. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista.** 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597. Acesso em: 12 mar. 2017.
- BAGNO, M. **Dicionário Crítico de Sociolinguística.** São Paulo: Parábola Editora, 2017.
- BAIOCATO, I. **A alternância entre os modos subjuntivo e indicativo no português brasileiro: um estudo em cartas pessoais do século XX.** 2017. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2017.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BLATT, F. **Precis de syntaxe latine.** Lion: IAC, 1952.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: A sociolinguistic study in Brazil.** Cambridge University Press, 1985.
- CÂMARA, J. **História e estrutura da Língua Portuguesa.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. *In: MUSSALIM, F. et al (org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras.* 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.
- CARVALHO, H. M. **A alternância Indicativo/Subjuntivo nas Orações Substantivas em**

função dos Tempos Verbais Presente e Imperfeito na Língua Falada do Cariri. 2007. 159 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa.** 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1988.

CUNHA, C. M.; ALENCAR, M. A. B. Formas Alternantes do Presente do Subjuntivo. **Revista do Gelne**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 59-71, 20 dez. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

DÁPENNA, J. A. P. **Del indicativo al subjuntivo.** Arco/Libros, S.A., Madrid, 1991.

DIAS, A. E. da S. **Syntaxe histórica portuguesa.** 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1970.

DUCROT, O. A quoi sert le concept de modalité? *In*: Dittmar, N.; Reich, A. (eds.). **Modality in language acquisition.** Berlin: Walter de Gruyter, 1993, p. 111-130.

FAGUNDES, E. D. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL do estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo.** 2007. 233f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FELICÍSSIMO, A. **Usos do modo subjuntivo no Português brasileiro.** 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory.** Oxford: Elsevier, 1994. (Language and Communication Library).

FISCHER, J. L. **Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant.** *Word* 14:47-56. 1958.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). **Mulheres, Linguagem e Poder** – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- GIVÓN, T. **English grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993. (Vol. I e II)
- GIVÓN, T. **Functionalism ang grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. **Syntax – a functional – typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co., 1984. (Vol. I e II)
- GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.(Vol. I e II)
- GUY, G. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon**, [S.l.], v. 14, n. 28-29, p. 17-32. 2000.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbop. In: ILARI, R. (*Org.*). **Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014.p. 194-208.
- LABOV, W.; COHEN, P.; ROBINS, C.; LEWIS, J. 1968. **A study of the Nonstandard English of Negro and Puerto Rican speakers in New York City**, Final Report. Cooperative Research Project No. 3288, United States Office of Education
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- LABOV, W. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistics Working Papers**, n. 44. Texas, 1978.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In: SANKOFF, David; CEDERGREN, Henrietta (*Ed.*). **Variation Omnibus**. Carbondale/Edmonton: Linguistic Research, 1981. p.177-199
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language In Society**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 171-182, ago. 1978. Cambridge University Press (CUP)
- LENZ, R. **La oración y sus partes**, Madrid, 1920, p. 239.
- LIMA, J. A. S. **O uso de formas do subjuntivo frente a outras formas verbais na expressão de opinião, condição e finalidade na fala de salvador**. 2018. 238f. Tese(Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos

Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LUCCHESI, D.; MEIRA, V. O emprego do modo subjuntivo nas orações adverbiais no português popular do interior do Estado da Bahia: um estudo sociolinguístico. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019.

LYONS, J. **New horizons in linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1970. LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MAINGUENAU, D. **Éléments de linguistique pour le texte littéraire**. Paris: Bordas, 1990.

MENON, O. P. da S. Concessivas “exigem” Subjuntivo?. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Cadernos de pesquisa em linguística: Variação no Português Brasileiro**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. V.3, p. 6-23, 2007.

MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Editora: Caminho, Lisboa, 1931.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-45

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, M. (Org.). **Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p.17-25.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M.; CASTILHO, A. T. (Orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil: Classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

NOVO, I. R. **Variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo: uma análise sociolinguística**. 2015. 90f Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

OLIVEIRA, M. do C. de. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil**. 2007. 302f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OLIVEIRA, F. Modalidade e Modo. *In*: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 372p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

- PAIVA, M. da C. Sexo. *In*: MOLLICA, M. C. (org) **Introdução à sociolinguística variacionista**. 2. ed. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro, 1994. (p.69 - 73)
- PEREIRA, E. C. **Gramática Expositiva**. Curso Superior. 109. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958 [1907].
- PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PIMPÃO, T. S. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. 2012. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo subjuntivo**: uma abordagem discursivo-pragmática. 1999. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.
- PIMPÃO, T. S.; SANTOS, W. S. dos. Variação estável ou mudança em progresso? A expressão do modo subjuntivo em três variedades do português brasileiro. **Caderno Seminal**, [S.l.], v. 30, n. 30, p. 248-290, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/33066/26437>. Acesso em janeiro de 2022.
- SANTOS, W. **A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Semiótica e Linguística Geral, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SANTOS, R. M. A. dos. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas**. 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.
- SANTOS, M. J. de A. V. dos. **Os usos da conjuntivo em língua portuguesa – uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / MCES, 2003.
- SALGADO, É. **As construções concessivas no Português Brasileiro do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WHERRITT, I. M. **The subjunctive in Brazilian Portuguese**. 1977. 191f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 1977.

ANEXO A – TABELA 10 – FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO

FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO			
INQUÉRITO – NORPOFOR – DID	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
10	0	1	1
102	1	2	3
103	1	0	1
105	1	13	14
110	1	5	6
112	0	1	1
115	0	1	1
12	2	4	6
126	1	0	1
130	1	1	2
143	0	1	1
150	0	3	3
16	1	1	2
22	0	1	1
23	1	2	3
26	1	0	1
29	0	1	1
30	0	1	1
33	3	1	4
34	0	3	3
39	0	1	1
40	1	1	2
45	1	0	1
46	1	0	1
48	1	1	2
54	1	0	1
55	0	1	1
58	2	2	4
59	3	0	3
06	0	2	2
61	1	0	1
62	1	2	3
63	3	0	3
65	0	1	1
67	1	1	2
69	1	0	1
73	0	2	2
78	1	1	2
81	1	2	3
82	2	4	6
83	4	1	5
84	2	0	2

FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO			
INQUÉRITO – NORPOFOR – DID	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
86	0	2	2
89	1	3	4
TOTAL	42	69	111

Fonte: Elaborada pela autora

ANEXO B – TABELA 11 – PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)

PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)		
INQUÉRITO – NORPOFOR – DID	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
10	0.00	100.00
102	33.33	66.67
103	100.00	0.00
105	7.14	92.86
110	16.67	83.33
112	0.00	100.00
115	0.00	100.00
12	33.33	66.67
126	100.00	0.00
130	50.00	100.00
143	0.00	100.00
150	0.00	100.00
16	50.00	50.00
22	0.00	100.00
23	33.33	66.67
26	100.00	0.00
29	0.00	100.00
30	0.00	100.00
33	75.00	25.00
34	0.00	100.00
39	0.00	100.00
40	50.00	50.00
45	100.00	0.00
46	100.00	0.00
48	50.00	50.00
54	100.00	0.00
55	0.00	100.00
58	50.00	50.00
59	100.00	0.00
06	0.00	100.00
61	100.00	0.00
62	33.33	66.67
63	100.00	0.00
65	0.00	100.00
67	50.00	50.00
69	100.00	0.00
73	0.00	100.00
78	50.00	50.00
81	33.33	66.67
82	33.33	66.67
83	80.00	20.00
84	100.00	0.00

PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)		
INQUÉRITO – NORPOFOR – DID	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
86	0.00	100.00
89	25.00	75.00

Fonte: Elaborada pela autora.

ANEXO C – TABELA 12 – FREQUÊNCIA POR IDADE – NORPOFOR DID

FREQUÊNCIA POR IDADE			
IDADE	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	TOTAL
15	0	1	1
18	2	4	6
19	1	1	2
21	1	2	3
22	0	2	2
23	5	9	14
24	3	0	3
25	2	8	10
26	0	3	3
27	0	1	1
31	0	1	1
32	1	2	3
33	2	3	5
34	5	3	8
37	4	1	5
38	1	13	14
39	1	1	2
46	4	1	5
47	0	2	2
50	2	2	4
52	2	3	5
53	0	2	2
55	1	1	2
58	1	0	1
60	1	3	4
63	2	0	2
73	1	0	1
TOTAL	42	69	111

Fonte: Elaborada pela autora.

ANEXO D – TABELA 13 – PROPORÇÃO POR IDADE (%)

PROPORÇÃO POR IDADE (%)		
IDADE	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
15	0.00	100.00
18	33.33	66.67
19	50.00	50.00
21	33.33	66.67
22	0.00	100.00
23	35.71	64.29
24	100.00	0.00
25	20.00	80.00
26	0.00	100.00
27	0.00	100.00
31	0.00	100.00
32	33.33	66.67
33	40.00	60.00
34	62.50	37.50
37	80.00	20.00
38	7.14	92.86
39	50.00	50.00
46	80.00	20.00
47	0.00	100.00
50	50.00	50.00
52	40.00	60.00
53	0.00	100.00
55	50.00	50.00
58	100.00	0.00
60	25.00	75.00
63	100.00	0.00
73	100.00	0.00

Fonte: Elaborada pela autora.

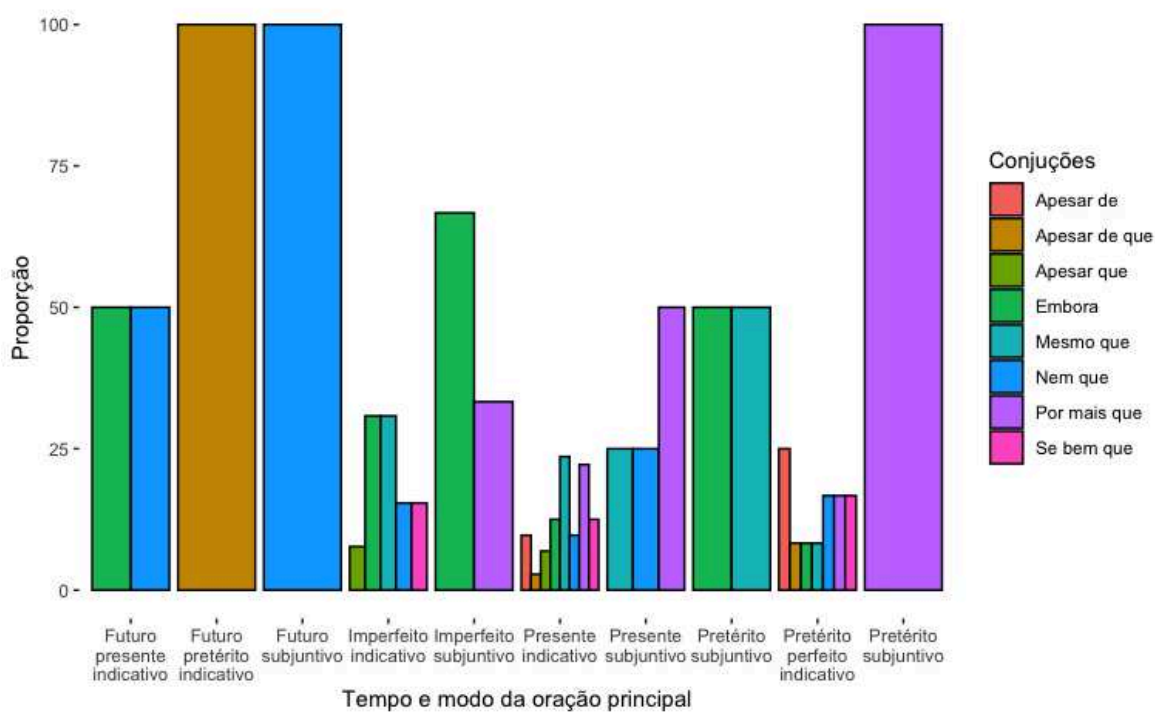
**ANEXO E – TABELAS 14, 15, 16, 17 E 18 E GRÁFICO 8 –
TEMPO MODO DA ORAÇÃO PRINCIPAL vs. CONJUNÇÕES**

TEMPO MODO DA ORAÇÃO PRINCIPAL vs. CONJUNÇÕES			
CONJUNÇÕES	TEMPO MODO PR.	n	PROPORÇÃO
apesar de	pres.ind	7	9.7
apesar de	pret.perf.ind	3	25
apesar de que	fut.pret.ind	1	100
apesar de que	pres.ind	2	2.8
apesar de que	pret.perf.ind	1	8.3
apesar que	imper.ind	1	7.7
apesar que	pres.ind	5	6.9
embora	fut.pres.ind	1	50
embora	imper.ind	4	30.8
embora	imper.subj	2	66.7
embora	pres.ind	9	12.5
embora	pret.ind	1	50
embora	pret.perf.ind	1	8.3
mesmo que	imper.ind	4	30.8
mesmo que	pres.ind	17	23.6
mesmo que	pres.subj	1	25
mesmo que	pret.ind	1	50
Mesmo que	pret.perf.ind	1	8.3
nem que	fut.pres.ind	1	50
nem que	fut.subj	1	100
nem que	imper.ind	2	15.4
nem que	pres.ind	7	9.7
nem que	pres.subj	1	25
nem que	pret.perf.ind	2	16.7
por mais que	imper.subj	1	33.3
por mais que	pres.ind	16	22.2
por mais que	pres.subj	2	50

TEMPO MODO DA ORAÇÃO PRINCIPAL vs. CONJUÇÕES			
CONJUÇÕES	TEMPO MODO PR.	n	PROPORÇÃO
por mais que	pret.pref.ind	2	16.7
por mais que	pret.subj	1	100
se bem que	imper.ind	2	15.4
se bem que	pres.ind	9	12.5
se bem que	pret.perf.ind	2	16.7

Fonte: elaborada pela autora

Gráfico 8 – Tempo e modo da oração principal



Fonte: Elaborado pela autora

Pearson's Chi-squared test

data: conj.en

X-squared = 72.697, df = 63, p-value = 0.1889 (p>0,05)

Tabela 15

FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO			
INQ.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	SUM
10	0	1	1
102	1	2	3
103	1	0	1
105	1	13	14
110	1	5	6
112	0	1	1
115	0	1	1
12	2	4	6
126	1	0	1
130	1	1	2
143	0	1	1
150	0	3	3
16	1	1	2
22	0	1	1
23	1	2	3
26	1	0	1
29	0	1	1
30	0	1	1
33	3	1	4
34	0	3	3
39	0	1	1
40	1	1	2
45	1	0	1
46	1	0	1
48	1	1	2
54	1	0	1
55	0	1	1
58	2	2	4
59	3	0	3
6	0	2	2
61	1	0	1
62	1	2	3
63	3	0	3
65	0	1	1

FREQUÊNCIA POR INQUÉRITO			
INQ.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	SUM
69	1	0	1
73	0	2	2
78	1	1	2
81	1	2	3
82	2	4	6
83	4	1	5
84	2	0	2
86	0	2	2
89	1	3	4
SUM	42	69	111

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 16

PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)		
INQ.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
10	0.00	100.00
102	33.33	66.67
103	100.00	0.00
105	7.14	92.86
110	16.67	83.33
112	0.00	100.00
115	0.00	100.00
12	33.33	66.67
126	100.00	0.00
130	50.00	50.00
143	0.00	100.00
150	0.00	100.00
16	50.00	50.00
22	0.00	100.00
23	33.33	66.67
26	100.00	0.00
29	0.00	100.00
30	0.00	100.00
33	75.00	25.00
34	0.00	100.00
39	0.00	100.00
40	50.00	50.00
45	100.00	0.00
46	100.00	0.00
48	50.00	50.00
54	100.00	0.00
55	0.00	100.00
58	50.00	50.00
59	100.00	0.00
6	0.00	100.00
61	100.00	0.00
62	33.33	66.67
63	100.00	0.00
65	0.00	100.00

PROPORÇÃO POR INQUÉRITO (%)		
INQ.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
67	50.00	50.00
69	100.00	0.00
73	0.00	100.00
78	50.00	50.00
81	33.33	66.67
82	33.33	66.67
83	80.00	20.00
84	100.00	0.00
86	0.00	100.00
89	25.00	75.00

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 17

FREQUÊNCIA POR IDADE			
IDADE.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO	SUM
15	0	1	1
18	2	4	6
19	1	1	2
21	1	2	3
22	0	2	2
23	5	9	14
24	3	0	3
25	2	8	10
26	0	3	3
27	0	1	1
31	0	1	1
32	1	2	3
33	2	3	5
34	5	3	8
37	4	1	5
38	1	13	14
39	1	1	2
46	4	1	5
47	0	2	2
50	2	2	4
52	2	3	5
53	0	2	2
55	1	1	2
58	1	0	1
60	1	3	4
63	2	0	2
73	1	0	1
SUM	42	69	111

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 18

PROPORÇÃO POR IDADE (%)		
IDADE.DADOS	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
15	0.00	100.00
18	33.33	66.67
19	50.00	50.00
21	33.33	66.67
22	0.00	100.00
23	35.71	64.29
24	100.00	0.00
25	20.00	80.00
26	0.00	100.00
27	0.00	100.00
31	0.00	100.00
32	33.33	66.67
33	40.00	60.00
34	62.50	37.50
37	80.00	20.00
38	7.14	92.86
39	50.00	50.00
46	80.00	20.00
47	0.00	100.00
50	50.00	50.00
52	40.00	60.00
53	0.00	100.00
55	50.00	50.00
58	100.00	0.00
60	25.00	75.00
63	100.00	0.00
73	100.00	0.00

Fonte: Elaborada pela autora

ANEXO F – QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DO NORPOFOR (EM ANEXO)

Registro	SEXO																	
	Homem									Mulher								
	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa Etária 15 a 25 Anos	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
26 a 49 Anos	4	5	5	4	4	4	4	2	4	5	5	5	4	5	5	0	5	3
50 em diante	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1
Total	14	15	15	11	11	13	09	06	09	13	15	13	10	15	14	01	06	06
	44			35			24			41			39			13		
	103									93								
	196																	

Fonte: NORPOFOR